



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO PPGL
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM LETRAS-
PROFLETRAS

RAIMUNDA FERREIRA RODRIGUES

**NARRATIVAS AMAZÔNICAS: ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA A
FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL,
ANOS FINAIS**

SANTARÉM - PA
2024

RAIMUNDA FERREIRA RODRIGUES

**NARRATIVAS AMAZÔNICAS: ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA A
FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL,
ANOS FINAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras-PROFLETRAS, nível Mestrado, da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Letras Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. Lauro Roberto do Carmo Figueira

SANTARÉM - PA
2024



Universidade Federal do Oeste do Pará

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL

ATA Nº 47

Aos vinte e seis dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e quatro, às quinze horas, por meio de videoconferência Google Meet, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos (as) professores (as) Drs(as). Prof. Dr. Lauro Roberto do Carmo Figueira (orientador e presidente), Profa. Dra. Sideny Pereira de Paula (membro externo) e Profa. Dra. Ana Maria Vieira Silva (membro interno) a fim de arguirem a mestranda RAIMUNDA FERREIRA RODRIGUES, com a dissertação intitulada "NARRATIVAS AMAZÔNICAS: ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS". Aberta a sessão pelo presidente, coube à candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

(X) Aprovada, fazendo jus ao título de Mestre em Letras.

() Reprovada.

Documento assinado digitalmente



SIDENY PEREIRA DE PAULA

Data: 28/03/2024 02:17:23-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dra. SIDENY PEREIRA DE PAULA (UFAM)
Examinadora Externa

Documento assinado digitalmente



ANA MARIA VIEIRA SILVA

Data: 26/03/2024 16:34:41-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dra. ANA MARIA VIEIRA SILVA, UFOPA
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente



LAURO ROBERTO DO CARMO FIGUEIRA

Data: 02/04/2024 01:34:15-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dr. LAURO ROBERTO DO CARMO FIGUEIRA, UFOPA
Orientador

Documento assinado digitalmente



RAIMUNDA FERREIRA RODRIGUES

Data: 02/04/2024 08:17:05-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

RAIMUNDA FERREIRA RODRIGUES
Mestranda



Universidade Federal do Oeste do Pará

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL

FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 47

Autor: RAIMUNDA FERREIRA RODRIGUES

Título: NARRATIVAS AMAZÔNICAS: ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL, ANOS FINAIS

Banca examinadora:

Profa. Dra. SIDENY PEREIRA DE PAULA Examinadora Externa à Instituição

Profa. Dra. ANA MARIA VIEIRA DA SILVA Examinadora Interna

Pof. Dr. LAURO ROBERTO DO CARMO FIGUEIRA Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados conforme sugestões da banca

1. ☐ INTRODUÇÃO

2. ☐ REVISÃO
 BIBLIOGRÁFICA

3. ☐ METODOLOGIA

4. ☐ RESULTADOS OBTIDOS

5. ☐ CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

----- A banca recomendou a publicação da citada dissertação -----

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Documento assinado digitalmente



LAURO ROBERTO DO CARMO FIGUEIRA

Data: 03/04/2024 00:22:56-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Lauro Roberto do Carmo Figueira

Orientador (a)

Av. Vera Paz, s/nº, Salé, CEP 68135/110/Santarém/PA/Brasil Telefax: *

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

R696n Rodrigues, Raimunda Ferreira
Narrativas amazônicas: estratégias de leitura para a formação do leitor literário no ensino fundamental, anos finais./ Raimunda Ferreira Rodrigues.
– Santarém, 2024.
98 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientador: Lauro Roberto do Carmo Figueira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Mestrado Profissional em Letras.

1. Ensino da Literatura. 2. Narrativas. 3. Imaginário Amazônico. 4. Imaginário Amazônico. 5. Conto/Reconto. I. Figueira, Lauro Roberto do Carmo, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 372.416

RAIMUNDA FERREIRA RODRIGUES

**NARRATIVAS AMAZÔNICAS: ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA A
FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL,
ANOS FINAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-PROFLETRAS, nível Mestrado, da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA, sob a orientação do Professor Doutor Lauro do Carmo Figueira, como requisito para a obtenção do grau de Mestra em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Lauro Roberto do Carmo Figueira (Orientador e presidente da Banca) Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA

Profa. Dra. Ana Maria Vieira da Silva (Membro interno) Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA

Profa. Dra. Sideny Pereira de Paula (Membro externo) Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Em memória de Sônia Maria de Souza
Rodrigues (mãe)

Dedico aos contadores de histórias indígenas, negros, caboclos e nordestinos que entoam as vozes ancestrais da e na Amazônia.

Aos meus pais Otávio Ramos Rodrigues e minha querida mãe Sônia Maria de Souza Rodrigues que ousaram trazer sete crianças “somente com a roupa do corpo” dos barrancos do Seringal São Romão à terra dos Manaós. De minha mãe aprendi palavreados únicos que foram calados para a COVID 19, mas que ecoam no mais profundo do meu eu.

Ao meu orientador Professor Dr. Lauro Roberto do Carmo Figueira, por me indicar o caminho que leva ao fantasioso mundo das narrativas amazônicas e embarcar comigo nesta viagem que só eu sabia exatamente como chegaria.

Aos meus irmãos e irmãs, com o meu amor e carinho por suas particularidades.

Ao meu esposo Pedro Alexandre, pelo companheirismo, amizade e troca de experiências sobre o uso das tecnologias.

À minha amiga Sideny de Paula, que me incentivou a seguir os caminhos da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Estes escritos tratam, principalmente, sobre outras possibilidades de leitura, também sobre diferentes formas de compartilhamento de informações e de se enxergar o aluno como sujeito importante no processo educacional.

Sou grata aos alunos, professores e gestores que cruzaram o meu caminho durante a minha trajetória em sala de aula. Há quem “ache” a profissão árdua e repetitiva, entretanto, sempre me vi como alguém diferente dos outros até cruzar com o caminho das letras; elas são a causa maior da minha loucura. E ser louco, nesse sentido, é maravilhoso!

Música, som, imagem, gênero textual, escrita, tecnologia são experiências que vou juntando para se tornarem experimentos na transformação de vidas no contexto de sala de aula, na minha relação com meus alunos. E a solidão das madrugadas de planejamento, lançamento de notas, me possibilitou entender que se poderia transformar a sala de aula também num laboratório de contação de histórias, mas essas não poderiam ser contadas de qualquer jeito; elas deveriam contemplar a minha, a sua, a história de nossos pais e de todos que vieram antes deles. É a nossa ancestralidade amazônica, rica de cultura e de história que quer ser lembrada e valorizada.

Agradeço aos admiráveis professores da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Por suas contribuições preciosas que me aperfeiçoaram e me moldaram enquanto pesquisadora. Cresci, queridos Mestres!

Não posso deixar de citar as conversas sobre o ensino da língua padrão e “os dois dedos de café” nas aulas do Professor Dr. Raimundo Nonato Costa, da incrível viagem pela Literatura Africana divulgada pelo Professor Dr. Luiz Fernando de França, também os direcionamentos do Professor Dr. Heliude e as aulas do meu orientador Professor Dr. Lauro do Carmo Figueira, riquíssimas de teoria e sotaque português. Sou muito grata pela presença de cada um desses estudiosos na minha trajetória como pesquisadora.

Boitatá

(Toada do Boi Bumbá Caprichoso)

*“Um brilho no rio
Em noite escura
É fogo fátuo*

*Gênio protetor dos campos
E das águas
Cobra grande
Boiaçú
Boiúna, boiúna
Sucurijú
A fera que surge do nada*

*Corre no corpo o arrepio
O sangue nas veias fica frio
Um fogo que água não apaga*

*Um facho de luz ilumina a escuridão
Seus olhos de fogo incandesciam*

*Tapando os furos
Singrando os rios*

*A dona da noite
A boca da noite
A dona da noite
Vai chegar*

*Boitatá, boitatá
Fogo no ar, fogo no ar
Cobra de fogo
Boiaçú
Boiúna flutua*

*Boitatá, boitatá
Fogo no ar, fogo no ar
Cobra de fogo
Boiaçú
Boiúna flutua”*

(Jorge Miranda)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo apresentar estratégias de ensino da Literatura a partir de narrativas com temas amazônicos. As atividades envolveram alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Professor Antenor Sarmiento Pessoa, na cidade de Manaus - Amazonas. O recorte objetivou investigar o imaginário da Amazônia brasileira manifesto nos estados do Amazonas e do Pará, na ficção narrativa. Neste sentido, se utilizou narrativas da obra *Belém de Arrepiar* (2021), de Nathan de Moura, como estratégia de experiência de leitura/escrita com alunos do 9º ano a fim de estimular o interesse pelas narrativas com conteúdos regionais; preservar identidade e memória culturais; desenvolver habilidades no campo de atuação artístico-literário do contar e recontar contos, sob os fundamentos das orientações da Base Nacional Comum Curricular-BNCC/Ensino Fundamental, Anos Finais – EF69LP53 (2008), e de investigações sobre a educação literária. A pesquisa de fundamentação teórica está em abordagens preliminares, bem como a aplicação do projeto de ensino (rodas de conversa a fim de identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre o subgênero conto; verificação de atividades desenvolvidas por diferentes docentes de Língua Portuguesa, no âmbito literário). Para tal, foram escolhidos cinco contos de autoria do escritor Nathan de Moura, a saber: “Mundiado por Curupira”; “A lenda do Tabatajá”; “Surra de Matinta”; “A moça que virou estátua”; “A lenda da Cobra Grande”. Esses textos serviram de estudo e de motivação para um produto educacional, no caso um *podcast* sobre narrativas, que foi criado pelos alunos e finalizado em uma mostra literária no ambiente escolar.

Palavras-chave: Ensino da Literatura; Narrativas; Imaginário Amazônico; Conto/Reconto.

ABSTRACT

This research work aimed to present Literature teaching strategies based on narratives with Amazonian themes. The activities involved students in the final years of Elementary School, at the Professor Antenor Sarmiento Pessoa State School, in the city of Manaus - Amazonas. The aim of the study was to investigate the imaginary of the Brazilian Amazon manifested in the states of Amazonas and Pará, in narrative fiction. In this sense, narratives from the work “Belém de Arrepiar” (2021), by Nathan de Moura, were used as a reading/writing experience strategy with 9th grade students in order to stimulate interest in narratives with regional content; preserve cultural identity and memory; develop skills in the artistic-literary field of telling and retelling stories, based on the guidelines of the National Common Curricular Base-BNCC/Elementary Education, Final Years – EF69LP53 (2008), and investigations into literary education. The theoretical foundation research is in preliminary approaches, as well as the application of the teaching project (conversation circles in order to identify students' prior knowledge about the short story subgenre; verification of activities developed by different Portuguese language teachers, in the literary field). To this end, five short stories written by writer Nathan de Moura were chosen, namely: “Mundiado por Curupira”; “The legend of Tabatajá”; “Surra de Matinta”; “The girl who became a statue”; “The legend of the Big Snake”. These texts served as study and motivation for an educational product, in this case a podcast about narratives, which was created by the students and finalized in a literary exhibition in the school environment.

Keywords: Teaching Literature; Narratives; Amazonian Imaginary; Tale/Retelling.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Das atividades desenvolvidas.....	68
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Da sequência básica do trabalho desenvolvido pela autora da pesquisa.....	68
Gráfico 2 - Pesquisa da autora, via Google Forms	72
Gráfico 3 - Pesquisa da autora, via Google Forms	72
Gráfico 4 - Pesquisa da autora, via Google Forms	73
Gráfico 5 - Pesquisa da autora, via Google Forms	74
Gráfico 6 - Pesquisa da autora, via Google Forms	75
Gráfico 7 - Pesquisa da autora, via Google Forms	76
Gráfico 8 - Pesquisa da autora, via Google Forms	77
Gráfico 9 - Pesquisa da autora, via Google Forms	78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Da autora da pesquisa apresentando o projeto desta pesquisa para os alunos do 9º ano da Escola Estadual Professor Antenor Sarmiento Pessoa-loco da pesquisa, no dia 12/06/2023-início do trabalho de pesquisa.....	55
Figura 2 - Roda de conversa sobre oralidade e histórias sobre o imaginário amazônico, com os alunos do 9º ano da escola.	57
Figura 3 - Alunos assistindo o curta-metragem “Se Não” de Moacyr Freitas (2013).	58
Figura 4 - Alunos assistindo o curta-metragem “Se Não” de Moacyr Freitas (2013), imagem da tela de projeção do filme.	58
Figura 5 - Roda de leitura com a explanação da autora desta pesquisa.	59
Figura 6 - Oficina de leitura dramatizada.	60
Figura 7 - Os alunos fazendo suas leituras dramatizadas usando os equipamentos de Podcast.	61
Figura 8 - Os alunos fazendo suas leituras dramatizadas usando os equipamentos de Podcast.	62
Figura 9 - Os alunos fazendo suas leituras dramatizadas usando os equipamentos de Podcast. Imagem dos esacritos produzidos por eles	63
Figura 10 - Equipamento de som usado para as narrativas da gravação	64
Figura 11 - Apresentação do projeto de pesquisa em reunião com os pais e responsáveis. (o primeiro passo antes de se iniciar a pesquisa)	71
Figura 12 - Capa da obra Letramento Literário, de autoria de Rildo Cosson (Utilizada como base para a criação da sequência didática deste trabalho	79
Figura 13 - A autora da pesquisa em roda de conversa com os alunos	80
Figura 14 - Alunos assistindo ao filme “Se não”.....	81
Figura 15 - Capa da Obra “O Realismo Maravilhoso”. A obra foi utilizada para se fazer um diálogo da teoria literária com a prática docente em sala de aula	82
Figura 16 - Capa da obra “Lendas e Assombrações do Estado do Pará”,que serviu de referência para se trabalhar as narrativas amazônicas	83
Figura 17 - Texto “A Lenda do Curupira”, produzindo por um dos alunos participantes da pesquisa.	85
Figura 18 - Aluna treinando a leitura de seu texto no decorrer da oficina de leitura	86
Figura 19 - Aluno ouvindo a gravação de sua história narrada por ele.	87
Figura 20 - Gestor da Escola onde se realizou a pesquisa sendo entrevistado pela autora, narrando uma história conhecida por ele, sobre o educandário “Melo Mato”, que estava	

localizado na cidade de Manaus, capital do Amazonas.....	88
Figura 21 - A autora da pesquisa durante o uso da aparelhagem do Podcast, dialogando com os alunos e mostrando para eles o trabalho final das narrativas dos mesmos	88

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EDUFF – Editora da Universidade Federal Fluminense

ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura

LDB – Leis de Diretrizes e Base

MEC – Ministério da Educação

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras

UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UNESCO - Organização das Nações Unidas

UNESP – Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO E SUAS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA.....	19
2.1 A oralidade e o lugar de fala.....	22
2.2 A influência indígena e nordestina.....	26
2.3 Os povos da floresta, os ribeirinhos e seus alumbramentos.....	28
2.4 O fantástico, o maravilhoso, o insólito, o alegórico e o carnavalesco.....	29
2.5 Os mitos e lendas amazônicos.....	31
2.6 Folclore.....	35
2.7 Os Causos.....	37
3 ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DA LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL	39
3.1 A relação do professor-aluno no contexto de sala de aula.....	42
3.2 O ensino da Língua Portuguesa.....	43
3.3 A aprendizagem da leitura e da escrita.....	44
3.4 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o ensino da Literatura.....	46
4 O PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	48
4.1 Percurso metodológico da pesquisa.....	50
4.2 A roda de Conversa e a roda de Leitura.....	54
4.3 Proposta de produção de texto.....	62
4.3.1 O Projeto de Intervenção.....	63
4.3.2 As oficinas.....	64
4.3.3 Gráficos e análises das oficinas.....	65
4.3.4 Público-alvo, local de realização das atividades didáticas.....	67
4.3.5 Recursos didáticos, espaços pedagógicos.....	68
4.4 As etapas das produções literárias.....	68
4.4.1 Formulários dos alunos.....	74
4.4.2 Motivação.....	76
4.4.3 Roda de conversa.....	77
4.4.4 Curta-metragem.....	78
4.4.5 Interpretação.....	79
4.4.6 Contextualização.....	80
4.4.7 Proposta de Produção de Texto.....	82
4.4.8 Finalização.....	83
5 O PRODUTO FINAL: O PODCAST, O RÁDIO REINVENTADO NA WEB E SUA UTILIZAÇÃO PARA ESTA PESQUISA	87
5.1 Sobre o autor Nathan de Moura e a divulgação da cultura popular paraense através de suas obras.	88
5.2 O Podcast.....	89
5.3 O passo a passo de como o <i>podcast</i> foi utilizado nesta pesquisa.....	91
6 ENSAIO DE UMA CONCLUSÃO.....	93
REFERÊNCIAS.....	95

1 INTRODUÇÃO

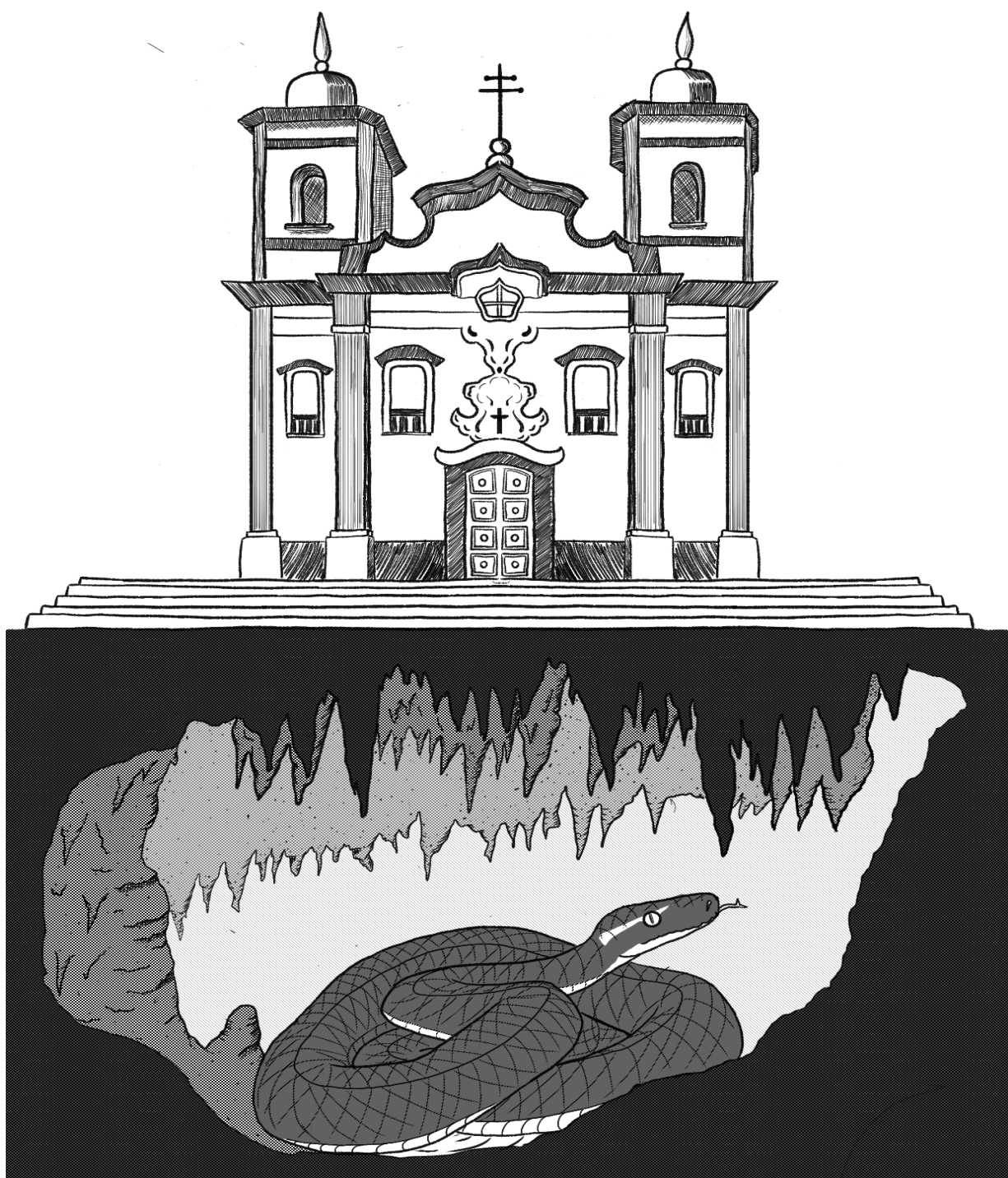
Estes escritos versam sobre estratégias de leituras para alunos do Ensino Fundamental Anos Finais, 9º ano, em uma escola pública estadual da cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, para uma aprendizagem com foco no imaginário amazônico com o auxílio das obras que tratam sobre esse tema para que não só esses alunos tenham um material diferenciado, mas que também o mesmo privilegie sua cultura, essa que é desconhecida pela maioria deles. Este é um bom campo de observação científica, por apresentar uma diversidade cultural capaz de chamar a atenção de estudiosos de diferentes áreas de conhecimento para o irreal, o fantástico, o maravilhoso, que fazem parte da cultura desses povos amazônicos. E foi justamente o olhar diferenciado, voltado para o ensino da literatura, o que motivou a escrita desta.

A Amazônia desperta a imaginação e a curiosidade sobre o surgimento dos seus primeiros habitantes, os indígenas. E para tentar entender de que forma os primeiros habitantes fixaram moradia no local, recorreremos às pesquisas voltadas para o fato de que diferentes expedições aportaram em terras amazônicas antes dos europeus. Para tanto, há várias hipóteses como: a travessia de nômades pelo mar de Bering para ocupar e colonizar as Américas, expedições de fenícios, hebreus, árabes, chineses em busca de livre comércio, ou seria a herança de terras deixadas por Noé, de acordo com os estudos de Gregório Garcia, de 1607, sobre as semelhanças físicas, intelectuais e linguísticas entre os indígenas e judeus (Souza, 2019).

A diversidade cultural amazônica possui um vasto campo de estudo porque é resultante de inevitáveis choques culturais e abriga a maior biodiversidade do planeta. Confrontos entre indígenas e brancos surgiram numa Amazônia colonial predominantemente formada por indígenas, dos quais nasceram os caboclos, esses que são habitantes da Amazônia, descendentes dessa mistura de raças. Os indígenas viviam em um ambiente natural, envolvidos por crenças, costumes, ritos e inspiração imaginária. Esse mundo de bioma exótico e diversificado atraiu a ambição do colonizador que desejou possuir as riquezas de várias nações indígenas, que compartilhavam da mesma terra, porém, eram divididas por costumes peculiares e dessa, surgiu a Amazônia Lusíndia com novos padrões, no entanto, mais indígena do que lusa (Benchimol, 1999). Somado a isso, temos também a chegada dos nordestinos à Amazônia, durante o período do Ciclo da Borracha, que em muito contribuiu para expandir esse veio cultural.

É dentro desse contexto histórico-social peculiar, de uma mistura ímpar de raças, que os mitos, as lendas, o folclore e a cultura popular amazônica, rica e diversa, auxiliada pelos mistérios suscitados pela vasta e quase inexplorada floresta, vão tomando corpo e sendo transmitidos de geração para geração. Trazer essa diversidade para o contexto de sala de aula é necessário, para que toda essa riqueza não pereça e seja perpetuada. Os professores não só de Língua Portuguesa, mas das diferentes disciplinas, precisam trabalhar essa herança cultural no ambiente de sala de aula, das mais diferentes formas; leituras, filmes, teatro, música, dança, oficinas de contação de histórias, produção de textos sobre o assunto, também utilizando os recursos midiáticos e tecnológicos (como no caso dessa proposta de pesquisa, que trabalhará com o recurso do *Podcast*) entre outras formas de se divulgar essa cultura e esse conhecimento ancestral.

2. O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO E SUAS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA¹



¹ A ilustração deste e dos dois próximos capítulos foram desenhadas exclusivamente para este trabalho pela artista plástica Alexandra de Paula Oliveira.

*“Na vida amazônica a mitologia reaparece
como a linguagem própria da fábula que flui
como produto de uma faculdade natural,
levada pelos sentidos, pela imaginação e pela
descoberta das coisas”*

(João de Jesus Paes Loureiro)

Discorrer sobre o imaginário amazônico direcionando-o apenas para uma área de conhecimento é tarefa impossível. A Amazônia não se limita apenas a região norte do Brasil, pois ela abarca a história, do mundo do ponto de vista da globalização, já que nela se estabeleceram diferentes povos, crenças e costumes. O modo de enxergar o ambiente amazônico como espaço de interação de atividades e troca de experiências faz deste lugar o ponto de referência de muitos estrangeiros, que pensam de imediato na Amazônia ao se referirem ao Brasil. Daí surgem diferentes modos de interpretação e de nomenclaturas para descrever a Amazônica como: Pulmão do Mundo, Inferno Verde, Eldorado, Paraíso, Novo Mundo.

Benchimol, (1999, p.16) explica que o povoamento da Amazônia teve como característica a multidiversidade de povos e nações. As diversas etnias sofreram influência do colonizador a partir do século XVI e deles vieram os caboclos, sobreviventes do choque cultural, entretanto, os grupos que se conservaram isolados estão em processo de extinção e lutam para preservar seus saberes, o que reforça a afirmação de Souza (2019) sobre os primeiros habitantes da Amazônia.

Fausto, (2010, p. 10) atenta para a necessidade de um olhar geral sobre as populações que ocupavam a América do Sul antes dos europeus. Há indícios de que os modelos da pré-história deste continente tenham sido forjados em razão da existência de ocupação de povos originários, causa de indagações por parte dos antropólogos sobre o motivo de os nativos do Brasil serem chamados de “gente sem religião, sem estado”. Essas definições estariam ligadas ao desprezo dos brancos pelos cultos e credences indígenas.

O que influenciou a invenção de uma Amazônia submissa e comprometida com ideias diferentes de sua realidade nos remete a pensar que, se a busca por terras desconhecidas levava os colonizadores para a descoberta de um inferno e também de um paraíso; logo, havia também a figura de “Adão” em meio aos lugares sagrados, o que também constitui o imaginário das histórias contidas nos textos da Bíblia cristã. Assim, era tamanha a imaginação do viajante, que ultrapassava as barreiras da colonização das Américas (Gondim, 1994).

Tais qualidades negativas, juntando-se as da indiada, pesaram na formação intertecnica, estimularam o espírito de vingança e foram muito nocivas ao homem da Amazônia [...]. Dois fatos singulares, porém, merecem ser destacados: primeiro, apesar de o grande espaço físico ter sido conquistado pelo branco, o espírito do índio permanece e sobrevive, nas grandes dimensões culturais, o que constitui, a meu juízo, a lição maior da luta racial secular [...] (Batista, 2007, p.55 e 55).

Os europeus, ao desembarcarem em terras amazônicas, sentiram-se desafiados. Eles não só se depararam com uma terra desconhecida, mas com uma civilização de “alta

sofisticação”, pois esta possuía economia sustentada pela caça e pela pesca, além do manejo florestal e também produzia seus próprios artefatos de ornamentação corporal e de defesa, como o arco e a flecha, além das plantações de tubérculos como a mandioca, a macaxeira, o cará, a batata doce. Por isso muitos dos costumes adotados pelas populações ribeirinhas advêm do desenvolvimento sustentável e do manuseio da terra herdados desses povos originários, os quais foram obrigados a se dissipar com a chegada das navegações europeias (Souza, 2019, p.47).

2.1 A oralidade e o lugar de fala

Ao se observar a Amazônia de diferentes perspectivas, depara-se com o lugar de fala do caboclo, do ribeirinho, do indígena e dos demais povos da floresta. As narrativas amazônicas de Moura (2021) e a sua peculiar maneira de expressar a oralidade através da reprodução das histórias contadas pelos povos amazônicos reproduzem as tradições passadas pelos mais velhos, em uma roda de conversa ao redor de uma fogueira, ou em um encontro de famílias, em busca de reavivar as suas origens culturais, são uma forma de não só preservar a cultura como também fazer com que outros possam ter conhecimento da mesma.

Sobre o lugar de fala, Ribeiro (2017, p.22) conceitua que: “para os habitantes de certa aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugar são os Outros; para os cidadãos de um país, as pessoas de outra nacionalidade são consideradas estrangeiras”. O que a autora nos diz é que ninguém melhor para contar suas histórias e falar de sua cultura que os habitantes do próprio lugar. A autora em questão também explicita que “Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos” (Ribeiro, 2017, p.22), ou seja, existe certa resistência em se levar a cultura amazonense ou amazônica para outras esferas, principalmente para o contexto interdisciplinar nas escolas, como por exemplo, nas aulas de geografia, história, onde praticamente nenhum professor conhece os teóricos ou os autores que trabalham diretamente com a cultura ou a literatura amazônica.

Os povos amazônicos e principalmente os indígenas foram ensinados a renegar suas origens e sua cultura em detrimento da cultura do colonizador. Isso explica a origem da resistência em não se levar para dentro dos muros da escola esses saberes. Este campo de pesquisa já rendeu diferentes modos interpretativos da realidade amazônica, por isso os debates a seguir envolvem o lugar de fala de Moura (2021). O autor não se preocupa com formalidades na sua escrita, mas sim em transmitir as histórias do fantástico amazônico tal e

qual são contadas, partindo das narrativas orais dos povos da floresta, dos ribeirinhos e dos indígenas, as quais circulam no seu meio social, valendo-se do conhecimento empírico.

Essas narrativas ganhariam outro formato se fossem descritas por um autor que não teve um convívio ou um conhecimento profundo da região. O espaço de criação literária ganha mais credibilidade ao ter um nativo como porta voz das histórias, mitos e lendas, em outras palavras, é o que seria o *habitus* linguístico. Sobre o colonizador:

Na Filosofia e na Literatura, o racismo sempre esteve presente dos séculos XVII ao XIX, apoiado, primeiro, na lógica religiosa, que defendia uma suposta superioridade racial. A “ciência” que se fazia desde a metade do século XVIII até o século XIX, abrangendo, pois, o período do iluminismo, imaginava a existências de várias raças, cada uma delas com sua origem específica, destacando-se, sempre, a superioridade da branca e condenando a miscigenação entre raças distintas (Loureiro, 2022, p. 161).

Loureiro (2015, p. 53) explica sobre o preconceito que existe em relação à cultura popular amazônica, que é marginalizada e ignorada pelos poderes públicos em detrimento da apropriação da cultura americana e europeia, considerada superior, o que fez com que a cultura cabocla se expandisse entre os segmentos mais pobres da população amazônica.

Do ponto de vista da antropologia, não se pode nomear o espaço amazônico apenas pela visão metafórica dos naturalistas viajantes. É preciso agir com coerência para tratar de um cenário tão exuberante porque são populações conscientes de suas raízes culturais e, mesmo tendo seus costumes ameaçados, lutam pelo resgate das terras que lhes foram tomadas e de suas histórias apropriadas e difundidas pelo colonizador.

Sob o olhar de Souza (2019) a separação dos povos indígenas justifica-se pelas ideias do antropólogo Claude Lévi-Strauss, em seu texto *Un autre regard* (1993), acerca do resfriamento das sociedades quentes. Como os europeus retiravam as expectativas de futuro das sociedades indígenas, não havia alternativa senão a separação de grupos maiores e menores a fim de se distinguirem e preservarem sua individualidade, pois o fato de pertencerem a sociedades primitivas indicava pertencimento histórico e social de valor e não sinônimo de selvageria ou de falta de inteligência.

O processo de adaptação dos habitantes da Amazônia acompanhava o contato com o ambiente físico da exuberante floresta que o cercava, além do comportamento peculiar diante do imaginário de mitos e crenças regionais contrastando com a riqueza das drogas do sertão. Direcionar para todas as muitas possibilidades de pesquisa que a Amazônia nos possibilita, seriam necessários anos de estudos no campo social, antropológico, econômico, histórico, político, social e linguístico porque as áreas de conhecimentos dialogam entre si quando o

assunto diz respeito à densa floresta amazônica.

Benchimol (1999, p.13) explicita que o processo cultural e ocupação humana da Amazônia tiveram como característica principal a multidiversidade de povos e nações manifestadas através da linguagem, rito, usos, costumes e produtos existentes unicamente da floresta. Mas essa multi-diversidade étnica sofreu interferência cultural a partir da colonização entre os séculos XVI e XVIII, dando início à miscigenação étnica e cultural. E esse processo de “amazonização não acabou com a chegada dos colonizadores porque a riqueza do espaço era propício a novas adaptações. Assim a sociedade amazônica foi formada por diferentes traços físicos e culturais.

O pronunciamento vindo do ambiente de origem acompanha a história da civilização. Seja em um ambiente permeado apenas da comunicação oral ou das que se apossaram da escrita e a transformaram em um instrumento de ascensão, adaptando-a aos avanços tecnológicos da globalização. O fato é que por meio da palavra o homem procurou entender os acontecimentos a sua volta, principalmente como surgiu sua raça e o ambiente em que se encontra. Neste sentido, fez uso da oralidade para transmitir crenças e representações religiosas, no pensamento filosófico ou nas figuras mitológicas.

O homem amazônico torna-se diferenciado pela vivência de construção de narrativas míticas que envolvem diferentes conceitos de criação. A linguagem rica de elementos marcantes da imaginação nortista o acompanha no modo isolado de viver ou socialmente, o que traz à memória dos escritos de Bosi (1977) a respeito do tempo e do discurso, quando ele destaca que:

Ora, o “tempo” a que remete o discurso, o tempo das medições predicativas, é um tempo originalmente social. Social porque é intersubjetivo, social porque habitado pelas múltiplas relações entre pessoa e pessoa, pessoa e coisa. E social, em pleno histórico maior, isto é, determinado, de cada vez, por valores de família, de classe, de *status* de partido, de educação, sobretudo de educação literária, de gosto. O tempo histórico é sempre plural: são várias as temporalidades em que vive a consciência do poeta e que, por certo, atuam eficazmente na rede de conotações do seu discurso (Bosi, 1977, p. 121).

O tempo está inserido nos acontecimentos discursivos e nas narrativas de ficção e através dele o leitor situar-se no momento da narrativa. Nas histórias da Amazônia o enredo acompanha o estado de espírito do narrador, tendo em vista que o mesmo traz consigo estado de espírito intencional aos fatos fora do campo visual, com isso o tempo varia de acordo com os padrões culturais do lugar, ou seja, a ideia de tempo não se encaixa numa padronização em razão da pluralidade dos fatos envolvidos no campo do discurso, das expressões e do ato de

narrar (Nunes, 1995, p.23).

Assim as histórias narradas por Moura (2021) procuram respeitar o tempo sobrenatural da narrativa, o que é visto claramente em “Mundiado por Curupira” na qual o personagem principal é persuadido pelos habitantes da floresta:

A história aconteceu numa localidade que fica no Km 24 da Alça Viária. Miguel saiu para apanhar açaí junto com Léo, seu enteado, um adolescente de olhos claros, considerado por todos como muito bem apessoado e muito trabalhador. Quando iniciaram o caminho mata adentro. Miguel lembrou que tinha esquecido seu facão, e disse para Léo esperar ali que ele iria apanhar o artefato em casa e logo voltaria. [...] Quando Miguel voltou, não encontrou mais o enteado. O rapaz havia desaparecido! Ele passou a procurar o jovem por todos os lugares por onde acreditava que o encontraria e, assim, ficou muito tempo procurando por ele, mas sem sucesso. Então resolveu ir pedir ajuda, pois já não faltava muito para o anoitecer. Depois de espalhar a notícia, ele entrou com amigos e parentes na mata, e todos passaram a procurá-lo. Entrou pelo terceiro dia de buscas, orações, rezas e promessas feitas na intenção achar o Léo, com vida, na mata e nada. Foi quando a mãe resolveu ir a uma cidade vizinha pedir ajuda de um respeitoso pajé da localidade. [...] Diante do desespero da mãe de Leo, o pajé prometeu ajudá-la. Fazendo um círculo com um pano branco enrolado em cima de sua cabeça, ele pediu que a mãe ou o padrasto de Léo o acompanhasse até a mata. Miguel foi com ele caminhando pela mata com passos firmes e em um aparente estado de transe, o pajé foi certo onde o garoto estava. **Ele estava encolhido no pé de uma árvore. Quando viu seu padrasto, tentou correr, mas o pajé jogou alguma coisa atrás do garoto, que o fez “paralisar”.** Dessa maneira, conseguiram levar o jovem, que estava assustado e fora de si, para sua casa. [...]

Depois de alguns dias e muita reza, ele foi voltando pouco a pouco ao normal e só depois passou a contar o que aconteceu naquele dia lá na mata: ficara esperando Miguel durante pouquíssimo tempo, e este logo retornou. Ele achou estranho seu padrasto voltar tão depressa, afinal a casa onde moravam era longe, e não daria tempo de ir e voltar tão rápido. Mesmo assim, Léo não falou nada, apenas seguiu Miguel pela mata. Acreditando estar na companhia do padrasto, mas apenas um casal perto de si, cujos rostos ele não conseguia enxergar direito. O casal lhe ofereceu comida, mas ele não aceitou. Leo ficou vagando pela mata, sem conseguir encontrar o caminho de volta para casa. Foi então que ele resolveu ficar embaixo de uma árvore, na beira do igapó. Já não tinha mais forças para caminhar, e, estranhamente aquele casal sempre estava por perto. **Prostrado debaixo daquela árvore, ele ouvia as pessoas procurando por ele, “chegou a vê-las passar bem a seu lado, e não o enxergarem”.** Perdido na mata, ele chegou a ver cobras até uma onça, mas os animais não mexiam com ele. Sem entender por qual motivo, ao ver Miguel e o pajé vindo em sua direção, ele desembestou a correr. Mais tarde perguntaram o porquê de ele ter tentado fugir, mas Léo não soube dizer, falou apenas que pensou que eles queriam pegá-lo para fazer maldade. Depois de tudo resolvido, o pajé disse que, se passasse mais um dia preso naquela mata, Léo não retornaria mais para casa, pois aquele casal que o acompanhou o tempo todo enquanto ele esteve perdido. Os dois Curupiras haviam se encantado pelos olhos dele. (Moura, 2021, p.15, grifo nosso).²

Essa excitação atemporal permite acompanhar o sentimento de incerteza e ansiedade provocado pelo ambiente florestal, dando a impressão de que o personagem mergulhou em

² Esses textos citados da obra de Nathan de Moura foram transcritos de acordo com o livro e contém erros ortográficos porque fazem parte da cultura oral e o autor respeitou o regionalismo linguístico das pessoas das quais ele ouviu essas histórias, portanto, não podem ser corrigidos.

um universo imaterial e somente o pajé, por possuir dons sobrenaturais, pode libertá-lo do êxtase que o aprisiona. No entanto, o personagem não se perdeu na floresta, ele foi transferido para um mundo da fantasia.

2.2 A influência indígena e nordestina

Benchimol (1999 p. 21), explica que os saberes e costumes no período da Amazônia colonial pertenciam unicamente ao indígena. E mesmo os europeus sendo minoria, em um espaço habitado por diversas etnias, conseguiram incluir novos hábitos, pensamentos com o objetivo de fragilizar a identidade cultural desses povos. Daí por diante, iniciaram várias formas de aculturação por meio de missões catequéticas cujo objetivo principal era o extermínio de tribos e a apropriação da terra pelos garimpeiros. Aos poucos, os contatos foram ocorrendo de forma pacífica.

A partir da ascensão da borracha, a Amazônia recebeu uma massa de imigrantes nordestinos vindos do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e de outros estados atingidos pela seca. Eles vieram para o norte com o intuito de fugir da seca, pois acreditaram nas promessas dos seringueiros que os convenceram com a ideia de que o ambiente era propício ao enriquecimento repentino. O exorbitante crescimento da população e a extensão territorial fez nascer outra Amazônia, culminando no grande exodo rural a se direcionar para diferentes pontos da calha central do Solimões e do médio Amazonas, além das capitais Manaus e Belém. Com isso os caboclos receberam influências desses imigrantes “de espírito agressivo” e formaram alianças. (Benchimol, p, 139).

Os costumes nordestinos somaram-se ao um conjunto de saberes incorporados quase que simultaneamente. De um lado, os europeus a introduzir pensamentos estrangeiros e, do outro, os brasileiros a impor a recriação linguística nacional “única”. Até então a Amazônia era contada pelas impressões do colonizador, que implantou novos padrões de comportamento, aculturando o indígena para inferiorizá-lo. Ou as tribos isolavam-se para preservar sua identidade ou desintegravam de suas matrizes e caminhariam para o extermínio total através da força. Com isso o europeu apoderou-se do espaço amazônico como se o mesmo pertencesse unicamente a ele.

Estudos a cerca do bioma amazônico revelam um ambiente mais complexo do que se imagina. O ambiente orgânico misturava-se ao solo deficitário de nutrientes sobre altas temperaturas de conhecimento dos nativos que se adequaram ao condicionamento da região e conseguiram resistir às mudanças climáticas e aos recursos ofertados pelo ambiente úmido e

escasso em contraste com a diversidade de seres que o povoam. Assim os habitantes são profundos conhecedores da floresta porque conseguem extrair substratos de vegetais importantes para a sua existência como a madeira, o látex, as raízes dentre outros (Meggers, 1998, p 35).

Em outras palavras, Meggers (1998) entende a Amazônia como um ambiente dividido pela caracterização da terra firme e da vargem. Ambos oferecem vegetações distintas e demonstram adequação sócio-cultural porque os nativos concentrados nas terras firmes apresentam comportamentos diferentes dos que habitam as margens dos rios. Os de terra firme, por exemplo, vivem em harmonia com o ambiente, pois desmatam apenas o espaço para construção de residências por entenderem a importância de manter o cenário original, já os que vivem na várzea fazem uso de vegetais próximos de suas moradias sem a necessidade obrigatória de explorar o ambiente seco.

A beleza da natureza do norte do Brasil desperta o desejo de possuir e usufruir a mesma. Entretanto, apesar de os habitantes nativos serem os preservadores e guardiões da floresta, eles sofreram diversas tentativas de extermínio. O desprezo pela cultura indígena iniciou quando o branco determinou sua cultura como “verdade universal” e o indígena não aceitou a submissão.

Isso é constatado em Rangel (2008), trecho que descreve o desgaste das lutas entre índios e brancos, entretanto, aponta para o entendimento de que em meio aos conflitos de terra, a matança e a tentativa de extermínio, a resistência de um povo ecoa mesmo que de forma tímida. E, como já vimos, os nordestinos foram levados para a Amazônia em busca de uma riqueza imaginária e para fugirem da seca de seus estados, mas vale lembrar a resistência dos indígenas em não se submeter às ordens dos europeus.

O imigrante nordestino participou de duas fases de mão de obra na Amazônia. A primeira, como peão da borracha, enfrentando muito trabalho até atingir a fase de gerente de depósito, regatão ou coronel de barranco. Na fase da ascensão, alguns chegaram a ocupar cargos políticos e a se destacarem para obter lugar privilegiado no meio social nortista, entretanto, os que não tiveram êxito foram obrigados a retornarem ao estado de origem mais pobres e cansados de trabalhos braçais do que quando chegaram em terras amazônicas. Houve também os que fincaram raízes nos municípios próximos dos seringais, estes trocaram a extração da borracha pelo cultivo de arroz, feijão, milho e outras especiarias (Benchimol, 1999, p.138).

O aumento e redução da população nordestina na região amazônica foi investigada através dos censos realizados de 1920 e 1940. Registros confirmam que grande êxodo rural

contribuiu para a formação da sociedade cabocla, abrangendo os centros metropolitanos de Belém, Santarém, Manaus e Porto Velho, na área do comércio seja como vendedores ambulantes ou como proprietários de pequenos negócios.

Por isso se pode entender a Amazônia como um território pertencente primeiramente às civilizações arcaicas para depois receber diferentes culturas. Se fossem elencar outras culturas que chegaram ao território verde, a africana receberia destaque, pois fincou moradia com intensidade nos séc. XVIII e XIX, e a árabe, atualmente bastante lembrada nos meios letrados depois de sua presença nos romances de Milton Hatoum. Dessa maneira entende-se a complexidade cultural amazônica mais extensa do que se imagina, pois polemiza, hibridiza e negocia o processo identitário dessa região, retornando a ideia de Gondim (1994) de que a Amazônia foi inventada.

2.3 Os Povos da Floresta, os Ribeirinhos e seus alumbamentos

A natureza exorbitante da floresta possui ligação direta com os seres que dela usufruem mesmo que as relações variem de tempo e espaço. Do ponto de vista exterior, tem-se a visão de povos cuja adaptação é revelada com teor de obrigatoriedade, entretanto, os povos amazônicos fazem uso dos sentidos para demonstrar o estado contemplativo de tudo que os cerca. O olhar serve de janelas de intuição para entender o tempo da colheita, da pesca, de passagem do tempo e para indicar seu estado interior, misturando-se ao imaginário de mundo interior (Loureiro, 2001, p.150).

O europeu ao se deparar com essas belezas naturais cobiçou o território para si e procurou aproximar-se do índio para torná-lo escravo e apropriar-se das terras. A catequese foi introduzida para permitir o processo de aculturação e afastar qualquer vestígio de costumes originais. Por isso por muito tempo a história da colonização foi contada apenas pela ótica do branco, a ideia era implantar uma espécie de descolonização na Amazônia para que o mundo pudesse usufruir da potencialidade dela (Branco, 2004).

O estado de excitação corresponde ao deslumbramento ou maravilhamento diante da realidade. Para discorrer sobre o estado de alumbamento, recorre-se a Jean Piaget, que muito contribuiu com pesquisas sobre linguagem e pensamento porque centrou seus estudos sobre o pensamento humano. Este é influenciado pelas leis da experientiação e da lógica diante da realidade; por exemplo, quando se é criança, vive-se entre o mundo da realidade e da fantasia, em outras palavras, a necessidade do pensamento lógico surge mais tarde na fase adulta (Vygotsky, p. 19, 1991).

A Amazônia harmoniza-se com o mundo real no ato da fecundação dos elementos que a constituem. Misturam-se os vapores da floresta e do Atlântico em uma perfeita sintonia de recriação, dando origem a diferentes vidas e seres, dessa maneira é natural entender que os padrões culturais e comportamentais de seus habitantes tenham sofrido influência, prova disso seria enxergar o homem imaginativo como um ser ora poeta, ora artista. Diante disso, muitos olhares passaram a descrever a Amazônia como uma terra promissora de encantamentos excêntricos, diferenciada das demais regiões do Brasil (Tocantins, 1982, p.8).

2.4 O Fantástico, o Maravilhoso, o Insólito, o Alegórico e o Carnavalesco

Em se tratando de se trabalhar com o imaginário popular, através dos causos, histórias, mitos, entre outras narrativas pertencentes a um povo, um lugar de origem, se faz necessário entender que existem teorias que se adequam a este, como o fantástico o maravilhoso, o insólito e o alegórico, assim como também o carnavalesco.

O fantástico, para Tzvetan Todorov, se faz presente quando existe a dúvida:

Aquele que percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser ou não ser o que são; ou então o acontecimento real ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas por nós. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário; ou então existe realmente, exatamente como outros seres vivos: com ressalva de que raramente o encontramos. (Todorov, 2013, p.20).

O fantástico acontece a partir da incerteza produzida da relação entre o real e algo aparentemente sobrenatural, no entanto, há dois gêneros muito semelhantes ao fantástico; o estranho e o maravilhoso. Em relação ao estranho, os acontecimentos surgem de forma sobrenatural e levam o personagem e o leitor a acreditar na possibilidade da irracionalidade; então, no fim, descobre-se que há uma explicação sobrenatural para os fatos inusitados. Enquanto o maravilhoso conclui a narrativa com a existência do sobrenatural.

Mas há outras considerações acerca do maravilhoso porque, dentro desse gênero, costuma-se classificar os contos de fada. Também é interessante pontuar o maravilhoso hiperbólico, que está muito próximo da razão; o maravilhoso exótico, no qual os acontecimentos são sobrenaturais, mas são narrados com naturalidade a ponto de o receptor não o reconhecer; no maravilhoso diferente ou instrumental, surgem poucos elementos sobrenaturais na narrativa como um tapete ou um cavalo encantado, mesmo encantado faz parte da criação humana; e por último o maravilhoso científico que é explicado de forma racional, mas de uma forma desconhecida pela ciência.

O insólito passeia em outras áreas de conhecimento como: psicologia e filosofia. A “proposta desse fenômeno é realizar uma revisão de aspectos do fantástico, discutindo, também, o conceito de neofantástico” (Zinani; Kanpp, 2020, p.20). Ele se mostra como uma nova configuração do fantástico e pretende retomar conceitos clássicos, partindo da análise de autores da contemporaneidade.

Em relação ao ambiente de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, mais especificamente na produção textual, faz-se interessante o trabalho com esses conceitos, aproveitando-os para que se possa apresentar aos alunos textos permeados pelo fantástico em suas múltiplas vertentes, como é o caso da obra de Natan de Moura, que trata justamente do imaginário amazônico através das narrativas da obra *Lendas e assombrações do Estado do Pará* (2021). Tanto as crianças quanto os adolescentes sentem uma inegável e natural atração pelo fantástico, pelo sobrenatural. Esse último faz parte da cultura social dos povos amazônicos desde sempre.

Retomando a questão relativa ao insólito, ele ocorre com a quebra de situações de normalidade por situações do âmbito irreal. Seres ou objetos dão um tom lúdico e ao mesmo tempo causam dubiedade da explicação de sua existência, fato muito comum nas narrativas envolvendo heróis juvenis, como o que acontece com os protagonistas de “As crônicas de Narnia” que, ao atravessarem o guarda-roupa, deparam-se com experiências inimagináveis. São personagens do conhecimento e admiração dos jovens estudantes, os quais não percebem a relação dessas narrativas com as de contexto amazônico.

Associar os fatos de conhecimento público às experiências de narrativas amazônicas entendendo o surgimento das mesmas oportuniza o adolescente a relacionar fatos, organizar contextos e estimular práticas de autoria textual. No conto, “Mundiado por Curupira” (p. 17), a que nos referimos anteriormente, do livro de Moura (2021), Léo, personagem principal, se perde na floresta e não consegue interagir com as pessoas que o procuram mata adentro, como se ele estivesse em uma dimensão paralela, impossibilitado de ser encontrado, o que é uma situação inexplicável, insólita.

A alegoria é um estilo de linguagem definido por apresentar elementos distorcidos do sentido literal. O sentido figurado das palavras, a duplicidade de entendimento e a multiplicidade são características marcantes das fábulas, parábolas, provérbios entre outros. No caso da fábula, a sua criação composicional surgiu antes do seu reconhecimento devido à tradição antiga de contação de histórias tendo animais personificados e com finalização de moral; enquanto a parábola encontra sentido nos ensinamentos do universo teológico. A fábula geralmente é associada ao universo infantil por frequentemente ser encontrada nos

livros didáticos ou na literatura infanto-juvenil.

O carnavalesco surgiu com intensidade na Idade Média e em meio ao sistema feudal quando surgiram várias manifestações públicas entre elas os cultos, ritos cômicos, caracterização de palhaços e diferentes formas de arte, instalando múltiplas manifestações culturais subdividas em três grandes categorias: os festejos carnavalescos e obras encenadas em praça pública; obras cômicas orais e escritas em linguagem acessível ao público e diferentes formas de manifestações de tom pejorativo e informal (Bakhtin, 1993, p.3).

Depois de conhecer os diferentes processos envolvidos no ambiente fantástico, o aluno consegue entender a origem das narrativas contextualizadas na Região Amazônica. Além disso, terá a possibilidade de enxergar-se como sujeito participativo do processo de ensino voltado para a experiência do individual e do coletivo, cercado-se do âmbito social, familiar, pedagógico e político. Os anseios do estudante das séries finais em adquirir conhecimentos levando em consideração seu contexto situacional levam a mudanças na maneira de interpretar o mundo, sua existência e suas perspectivas de futuro. Não se pretende criar algo novo, apenas dar ênfase o que já é enfatizado de forma generalizada nas séries finais como o papel do herói e o contexto de atuação em que os heróis da Grécia se assemelham às figuras míticas da Região Amazônica.

2.5 Os Mitos e Lendas Amazônicos

Mythos vem do grego e sua existência faz parte da história da humanidade por tentar explicar a origem das coisas. Aparece nas figuras lendárias devido à falta de evidências concretuais sobre sua existência. Trata-se de um gênero textual predominantemente narrativo, cujo objetivo é explicar sobre a existência e condição humana, entretanto, a evolução textual não segue uma lógica de tempo passado, presente ou futuro.

No Amazonas, podemos citar os mitos cosmogônicos e de criação dos povos indígenas, que partem da oralidade, transmitidas de geração para geração, na maioria das vezes, de pai para filho, como um rito de preservação de cultura que também evidencia a predominância do patriarcado entre esses povos, uma herança da colonização através das ordens religiosas que adentraram as terras indígenas com o intuito de “catequisar”.

Por outro lado, há sociedades protetoras da sua própria cultura como o mito da criação, dos Desanas, cuja divindade está voltada para a existência de Yebá-buró. A avó do mundo, como é conhecida, ela aparece sob um trono de quartzo para criar tudo o que existe e dar sentido ao mundo. Para os Guaranis, o tataravô do sol soprou o cachimbo sagrado e da

fumaça desse cachimbo se fez a mãe terra; os anciãos navegavam em uma canoa cobra de fogo pelo céu, distribuindo semente e dando vida a tudo que existe. Enquanto os Xavantes creem no poder do arco-íris que deu origem a dois indígenas, que obedecem a uma voz do alto orientando-os a criar tudo que existe. Para os Mundurucus o mundo foi criado por dois homens Caruçacahibu e seu filho Raiu, os dois tinham o poder de conversar e criar as coisas, diferenciando o feio e o belo (Jecupé, 1998).

Nesse sentido, tem-se a história da Boiúna sob a catedral das capitais brasileiras ou em diferentes narrativas, seja como um animal rastejante ou ganhando papel de destaque na sétima arte, como no filme “Anaconda”. Em Moura (2021) tem-se a “A lenda da Cobra Grande, a terrível Boiúna!” com a seguinte narrativa:

Em 2007, os moradores de Belém sentiram a terra tremer. A coisa assustou tanto a população que muitos prédios foram evacuados por causa do tremor. Na época, os especialistas apontaram um terremoto que ocorreu no Caribe como causa do abalo sísmico. Mais recentemente, no ano de 2018, um novo tremor foi sentido em algumas áreas da cidade. Dessa vez mais fraco, os estudiosos disseram que o abalo teve origem no terremoto da Venezuela. Porém, os mais velhos disseram que, bem antes disso, lá pelos idos de 1970, a terra já havia tremido na cidade de Belém. Porém naquele tempo, alguns moradores antigos apontaram outra causa para o tremor: a monstruosa Cobra Grande que existe debaixo da cidade havia se mexido! Reza a lenda que, desde o início da construção de Belém, que começou pelo bairro da Cidade Velha, existe uma cobra de tamanho descomunal que permanece inerte bem no centro da cidade. Os índios a chamavam de Boiuna, e a crença em existência atravessou os séculos. A lenda diz ainda que os missionários católicos da época da fundação de Belém, para matar a cobra, resolveram construir a catedral da Sé bem em cima onde estaria a sua cabeça. O altar onde se encontra a imagem de Nossa Senhora seria o ponto exato da localização da cabeça da cobra gigante. Já o rabo da lendária serpente estaria debaixo da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré. Para os antigos, e também para muitas pessoas não tão antigas assim, todas as vezes em que Boiuna se mexe na tentativa de escapar do aprisionamento imposto pelos frades católicos, a cidade de Belém estremece. O grande temor é que um dia, quando ninguém estiver esperando, a cobra consiga finalmente se libertar, destruindo a cidade com seu corpo gigantesco, fugindo depois para baía do Guarujá, deixando debaixo de Belém um enorme buraco, capaz de tragar seu centro para o fundo da terra! (Moura, 2021, p.97).

Ao longo da história, os mitos têm sido usados para explicar fenômenos aparentemente inexplicáveis como o porquê de o mundo funcionar da maneira que funciona ou por que as pessoas se comportam dessa maneira. É comum que os antigos mitos tenham sido aceitos como fato. Com o tempo, a razão e a ciência resultaram em muitas explicações míticas caindo em desuso até que sejam geralmente aceitas como “histórias falsas” – míticas.

A literatura especializa o modo de uso da língua, provoca diferentes visões acerca do mundo visível e opera na imaginação do que seria ideal aos nossos olhos. Com isso, a literatura apresenta nossa perspectiva de enxergar a realidade. E pode ser vista como

imaginativa em razão de produzir imagens e ideias no campo mental, aflorando outros sentidos que envolvem visão e sentimento, causando experiências que vão de encontro com a realidade (Branco, 2004, p.13).

As lendas são narrativas nascidas no meio popular e através delas, é possível explicar os fenômenos da natureza e experiências vividas. Presume-se que uma lenda tenha alguma base em fatos históricos e tende a mencionar pessoas ou eventos reais. O fato histórico se transforma em lenda quando a verdade é exagerada a ponto de pessoas ou eventos reais assumirem uma qualidade romantizada e acreditarem na veracidade do acontecimento, tornando-o natural. Ao adentrar no mundo imaginário, depara-se com espaços, seres e experiências que transitam por dois universos. De um lado um ambiente que podemos chamar de nosso e que possuem explicações ou existem porque estão diante de nossos olhos e outro que é fruto da imaginação, da ilusão dos sentidos e regido por leis desconhecidas para nós. (Todorov, 2010).

O indígena sempre busca explicações para fatos ocorridos no cotidiano e se agarra no fato de que na floresta habitam divindades que se manifestam ao ser humano através da relação dele com o ambiente natural. Suas crenças são ricas de narrativas tentando explicar o surgimento de um fruto encontrado apenas na região ou na existência de plantas e animais únicos. Segundo Branco (2017, p.39),

Muitas outras lendas como essas relatam a origem da noite, das estrelas, da sucuri, da cobra-grande, e outros tantos mistérios da natureza que despertavam a imaginação dos índios. A simples observação dessas curiosas narrativas pode ser suficiente para a conta do indígena perante a natureza.

Assim como Moura (2021), outros autores interpretaram os encantos da Boiúna. Como exemplo tem-se “Cobra Norato”, de Raul Bopp. Nesse caso, a cobra não se caracteriza totalmente por um repugnante réptil, pois se transforma em uma figura feminina de comportamento estranho, correspondendo ao encantamento típico no “maravilhoso amazônico”, temática explorada por seu autor para demonstrar as narrativas populares (Loureiro, 2015).

A Amazônia, cujo nome é inspirado em uma lenda da mitologia grega, sempre exaltou o imaginário coletivo e por esse viés, verdadeira natureza da vasta mata fechada não está na sua imensidão, mas nas experiências simples que dão toda a sua dimensão a um território lendário, que causa o alumbramento nos povos que a habitam; ribeirinhos e os povos da floresta: viajar de canoa pela floresta inundada, dormir em uma rede no meio da floresta ou mesmo acordar com os gritos dos animais silvestres despertam situações de medo, dúvida, às

vezes terror. Como não valorizar essa região marcada de mistérios e crendices?

Nesta imensa região também há outras superstições em torno da flora e da fauna, e um bom exemplo é a *Xanthosoma atrovirens*, mais conhecida como temba-taia, na língua Tupi, ou Tambatajá, na linguagem popular amazônica, como ganhou popularidade na região: um vegetal da família das aráceas e possui caule cinlindro e folhas grandes verde-arroxeadas. A história procura explicar o formato da folha do vegetal e a relação com a história de amor dos “protagonistas” desse mito e a diferenciação entre mito e lenda que, segundo Cascudo (1988), possuem definições diferentes. O mito é definido de forma imediata, visto que se trata de um determinado fenômeno sobrenatural e a lenda tenta explicar por meio de uma experiência de vida, o que é possível identificar. Na obra de Nathan de Moura a lenda desse mito tem como título “A lenda do Tambá-Tajá e as plantas curadas”.

Conta uma antiga lenda que a esposa de um índio de uma velha tribo chamada Macuxi ficou parálitica depois de ser acometida por uma grave doença. Apaixonado pela mulher, o índio construiu uma tipoia especial e passou a carregá-la nas costas para onde quer que fosse. Um dia, enquanto caminhava carregando-a pela floresta, percebeu que havia algo de errado. Ao desamarrá-la das costas, descobriu com tristeza que a esposa havia falecido. Com o coração despedaçado, o índio cavou uma enorme cova e nela enterrou-se junto com a amada. Algum tempo depois, numa noite de lua cheia, do exato lugar onde o casal estava sepultado, brotou uma planta totalmente desconhecida da tribo: era o tamba-taja, um vegetal de folha verde-escura na frente e que, no verso, carrega outra folha menor, cujo formato possui certa semelhança com a forma do órgão genital feminino. Do amor do casal de índios, nasceu aquele tajá encantado! No Pará, uma crença muito forte afirma que quem cultiva algumas espécies de plantas, tais com tajas, só precisa “curá-las”, para que possa libertar um espírito guardião, que existe dentro delas. a partir do momento em que é libertado, esse espírito passa a proteger o lugar onde vive, afastando intrusos e outras visitas inesperadas. O termo “curar” utilizado neste caso refere-se a uma espécie de feitiço que se faz na planta, através da prática frequente de regar seu pé com água que se usa para lavar a carne, e também com cachça.

Muitas pessoas que dizem ter visto o espírito do tal guardião descrevem-no como um enorme índio, de olhar severo. Há também quem afirme ter visto um homem alto e forte, comparando-o a um guerreiro africano [...] Fomos olhar o lugar onde João disse ter visto o tal índio, e exatamente lá estava o tajá da vovó. “Desde aquele dia, eu nunca mais duvidei das coisas que minha avó dizia” (Moura, 2021, p.51).

A construção de um suporte para sustentar a amada sugere certa encenação da realidade vivenciada pelo indígena. A fuga da morte, visto que o personagem demonstra muito mais do que a preocupação de cuidar da amada, mas também de tê-la ao seu lado para sempre. O amor infinito transforma-os em uma planta mística de cultivo comum entre os amazônidas. Ao colocar a narrativa de Nathan em contraste com elementos alegóricos, percebe-se a influência da caracterização de personagem nas manifestações culturais.

Há toda uma narrativa para se entender o surgimento de uma das plantas mais conhecidas do território amazônico e a impossibilidade de concepção da história amor que

continua depois da morte, a *coincidentia contrarium*. Os indígenas macuxis reencarnam na natureza a fim de comprovar a imortalidade do amor incondicional como tantos amantes da literatura universal, comprovando a aproximação dos mitos amazônicos com as mensagens de superação e de impossibilidade, comprovado no desenho das folhas do vegetal que revela a fertilidade da jovem transcendendo o mundo real, o antagonismo da vida e da morte do indígena ao se tornar o guardião da planta e toda a floresta amazônica, ou seja, o amor se materializa em natureza (Loureiro, 2015, p.287).

2.6 Folclore

A etimologia da palavra folclore vem de folk: povo e lore: saber, ciência, ou seja, sabedoria do povo ou sabedoria popular. O termo corresponde ao conjunto de crenças populares tradicionalmente contadas de geração em geração, ganhando notoriedade como campo de conhecimento que estuda as ‘antiguidades populares’ ou a ‘literatura popular’, pois esses estudos compreendem além da literatura oral, a musical tradicional e folguedos populares. Sua corrente de pensamento corresponde às pesquisas mundiais, visto que compreendem autores dos primeiros inscitos e os intelectuais do período romântico, movimento que intensificou a temática regionalista.

Mário de Andrade (1893-1945) foi um grande divulgador da cultura popular assim como Silvio Romero (1851-1914), Amadeu Amaral (1875-1929) entre outros. Eles foram fundamentais para a criação da Comissão Nacional do Folclore, concebida para atender as exigências da UNESCO, Organização das Nações Unidas, criada para auxiliar no ambiente de paz pós-guerra. O Brasil ganhou destaque por ser um dos primeiros países a organizar uma comissão específica para tratar de temas voltados para o estudo da cultura popular. E logo no I Congresso de Folclore Brasileiro, instituiu-se o movimento artístico como o conjunto coletivo ou individual de tradições populares que expressam a tradição popular, fazendo com que os estudos sobre as manifestações do folclore brasileiro tivessem direito a incentivos públicos ou privados em atividades científicas.

Ainda no primeiro ano de congresso foi lida pela primeira vez a Carta do Folclore Brasileiro, que tem grande importância para a organização dos currículos escolares e para contribuições de estudos das manifestações culturais que fazem parte da identidade brasileira porque reconhece o folclore como objeto de pesquisa da antropologia e das Ciências Humanas. O texto foi escrito em 1951 e relida 1995, no VIII Congresso Brasileiro de Folclore, quando foi atualizada para um contexto mais amplo a fim de abranger a diversidade

cultural tradicional e as novas tecnologias do mundo moderno. (CNF, 1995).

Outra figura muito conhecida no meio amazônico é Matinta Perera. Um personagem do folclore brasileiro muito conhecido em diferentes regiões do Brasil e não poderia ficar de fora das narrativas que marcam esta dissertação. Em “Surra de Matinta” o ser mitológico ronda as noites de lua cheia para amedrontar os moradores de Marapani, no estado do Pará, com a interpretação a seguir:

Helio nasceu e se criou na ilha de Tamaruteua, no município de Marapanin. Jovem galanteador, aos fins de semana gostava de embarcar em sua pequena canoa e remar pelo rio Cajutuba até o distrito de Vista Alegre, atrás de uma “pequena” que lhe desse confiança. Certa noite, quando justamente voltava de uma dessas incursões amorosas, algo aconteceu. Ele remava abstraído nas lembranças da bela morena que conquistara, quando viu uma sombra voando baixo sobre a sua cabeça. Como a lua estava cheia, deu para ver até o reflexo daquela coisa na água. Helio não tinha dúvida, era uma feiticeira que havia se transformado em Matinta Perera. Indignado por ela ter passado tão próximo de sua canoa, o destemido pescador bradou:

- Sua desgraçada! Vai-te daqui! Se eu te pegar pelo meu caminho, dou-lhe uma surra, sua maldita!

As palavras de Hélio pareceram ter afugentado a Matinta Perera, pois, ao longo de todo o caminho pelo rio, ele não viu mais nada. Depois de quinze minutos remando, ele chegou ao pequeno trapiche da ilha de Tamaruteua. Amarrou sua canoa numa estaca e subiu. Já eram mais doze horas da noite, e não havia nenhum morador na rua. Ele entrou no pequeno ramal que levava até a sua casa e começou a caminhar.

Faltavam menos de cem metros para chegar, quando avistou, sob a luz da lua cheia, uma figura parada em frente ao portão de madeira de sua casa. A princípio, ele achou que era sua avó materna, que, quando o via sair de noite, só conseguia sossegar quando o rapaz voltava para casa. Porém, ao aproximar-se mais, suas pernas começaram a tremer: de cabeça baixa e parada bem na frente do portão, uma velha de enormes cabelos, que escondiam o seu rosto, e usando um vestido negro até os pés, o aguardava. Hélio ainda tentava dar meia volta, quando o primeiro tapa no pé do ouvido lhe deixou zozinho! Dali em diante, foi uma chuva de pancadas que vinham sabe-se lá de onde. Gritos de horror foram ouvidos por todo o ramal.

- Não me mate, pelo amor de Deus! Me deixe em paz! Socorro, alguém me acode aqui!

Familiares e alguns vizinhos correram de lanterna nas mãos até o local dos gritos. Hélio estava jogado no chão. Fora encontrado desmaiado, cheio de hematomas e com marcas de arranhões ao longo do corpo. Naquela noite, ele ardeu em febre até o amanhecer. No outro dia, ainda muito fraco, Hélio estava jogado no chão. Fora encontrado desmaiado, cheio de hematomas e com marcas de arranhões ao longo do corpo. Naquela noite, ele ardeu em febre até o amanhecer.

No outro dia, ainda muito fraco, Hélio contou para os familiares o que acontecera no rio. Foi quando sua avó chegou por trás sentenciando.

- Seu malcriado, não respeitou e levou surra de Matinta! (Moura, 2021, p.75 a 77).

Matinta Perera é uma figura lendária de movimento e de hábitos noturnos. É fruto da imaginação coletiva que determina o seu estado de metamorfose em bruxa ou pássaro, sendo capaz de transitar pelos quatro principais elementos da natureza água, fogo, terra e principalmente ar. Em algumas regiões, é confundida com a coruja, entretanto, Cascudo (1988) deixa claro que não se trata exatamente de uma coruja, mas da *tapera naevia*, conhecida popularmente como Saci ou Matimperere (Cascudo, 1988, p.484).

2.7 Os causos

O ato de narrar nasceu da necessidade de o homem buscar explicações para os fatos que ocorriam ao seu redor, principalmente, os fenômenos de ordem natural. Aos poucos, surgiram reminiscências da tradição oral e estas foram sendo explicadas em narrativas simples. Desse ato de contar histórias surgiu o causo que é uma narrativa de cunho popular caracterizada pelo prazer da contação de história através do humor e da ironia. A maneira como os conhecimentos são transmitidos e como se ouve tem grande importância nesse gênero popular, pois as histórias têm um modo peculiar de interpretação pelas influências indígenas, africanas, portuguesas recebidas.

O prazer da leitura corresponde, algumas vezes, ao tempo e ao espaço. As narrativas populares transmitidas oralmente condicionam a situação de prazer do narrar e ouvir. Isso explica porque Hatman, (2008, p.62), ressalta que “o ato de narrar não está necessariamente organizado num sistema formal”, sua expressão simbólica se materializa em experiências reais, imaginadas. Os causos possibilitam a recriação dos fatos usando um corporal de entonação e modo de narrar e disposição de dar sentido ao que se está articulando.

Sobre a performance da narrativa, Langdon que:

O próprio conceito de performance na antropologia surgiu das análises da dinâmica do rito nas sociedades tribais. Felizmente, as teorias do rito, e subsequencialmente da performance, foram marcadas por influências transdisciplinares, e podemos dizer que o conceito de performance em antropologia emergiu e foi desenvolvido simultaneamente com as indagações que caracterizam várias disciplinas hoje, e pertence ao campo cultural-linguagem-sociedade. (Langdon, p.13,1999).

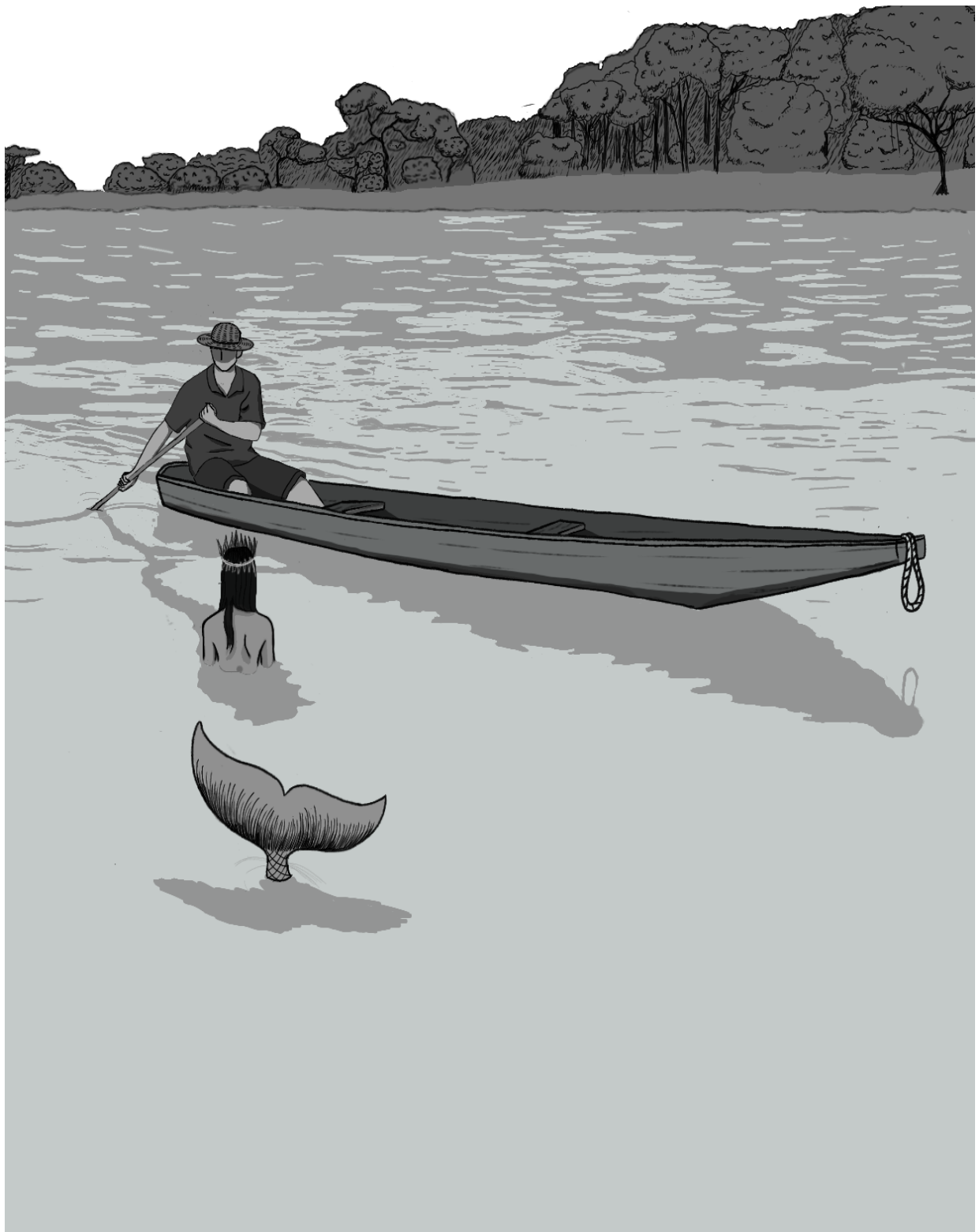
A liberdade de criação surgiu da observação das formalidades existentes nos ritos tradicionais. Os causos de temática regionais ganham outras criações em virtude da liberdade interpretativa de cada contador, atuando em espaços diferentes e incorporando elementos satíricos para ganhar autenticidade interpretativa. Na Amazônia, há a figura do caboclo ou caboco que nas comunidades ribeirinhas é responsável por reunir os amigos e familiares nas rodas de conversa para contar os causos regionais. O costume de ficar em círculo dá ideia de proximidade e confiança porque os ouvintes ficam de frente para o narrador.

A chegada de outras culturas na região fez mudar o cenário das narrativas e aos poucos os espaços e o tempo das histórias foram se adaptando aos contextos que atendessem as peculiaridades desse meio, dando lugar aos contos e lendas urbanas. É o caso de “A moça que virou estátua ou a lenda da mulher que secou”:

Este conto é inspirado em uma antiga lenda de Belém. Belém, Província do Grão-Pará, século XIX. Cassiana residia em um casarão no bairro da Cidade Velha, com sua filha, Doroteia e o marido, um oficial militar de alta patente, que ultimamente passava seu tempo mais viajando a trabalho do que em casa com a família. Doroteia tinha completado dezessete anos recentemente e estava cada vez mais rebelde. Naquele trágico dia, seu pai, única pessoa que conseguia controlar seus rompantes de raiva, não estava em casa. O relacionamento de Doroteia com sua mãe estava indo de mal a pior: constantes discussões e palavras ofensivas da jovem para com Cassiana haviam se tornado uma triste rotina, que deixava aquela pobre mãe muito infeliz, afinal, mesmo com toda aquela rebeldia, amava profundamente a filha. Tudo era motivo para a garota desrespeitar sua mãe, uma mulher doce e amável, incapaz de levantar a voz para quem quer fosse, mesmo que lhe ofendessem com palavras desrespeitosas, como Doroteia aprendera a fazer de uns meses para cá. Pedir ajuda para cuidar da casa, então, era motivo para enorme revolta por parte da garota. Um dia, Cassiana pediu para ela ajudá-la a varrer a casa, pois a empregada, Mariazinha, não estava se sentindo bem. A moça olhou com desprezo dizendo que ela que o fizesse e botasse a empregada para trabalhar [...]. Mas algo aconteceu naquele momento [...]. Cassiana virou-se para olhar para a filha: a moça estava paralisada segurando a vassoura entre as mãos [...]. Segundo alguns estudiosos, a lenda da estátua de sal nasceu em torno de uma imagem de Nossa Senhora da Soledade. Sua figura corroída teria sido usada pelos pais de antigamente, para provocar temor nos jovens que se mostravam rebeldes com seus pais (Moura, 2021, p. 91).

Muitas histórias do cenário belenense são tratadas na obra de Nathan de Moura como “A moça que virou estátua”. A narrativa evidencia o castigo destinado aos que se recusam a obedecer às ordens dos mais velhos, fato aproximado à repreensão sofrida pelos escravos no período da colonização. O colonizador da Amazônia acrescenta “ricos vocabulários” colhidos na Europa e na África para reformular as narrativas de uso popular e torná-las instrumento de domínio. O jogo discursivo visa absorver a ingenuidade do indígena para o não reconhecimento cultural e o distanciamento de elementos fantasmagóricos únicos.

3 ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DA LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL



*“A leitura é, provavelmente, uma outra maneira
de estar em um lugar”*
(José Saramago)

O ensino da Língua Portuguesa direciona-se para a compreensão do uso da língua em diferentes contextos de comunicação. No desempenho situacional da atualidade os textos orais e escritos ganharam formatos para além das convenções a que se estavam acostumados e passaram a ser nomeados como textos multimodais para atender os diferentes gêneros textuais que abarcam as necessidades de produção e de interação dos falantes. Com a intenção de acompanhar essas transformações de ordem linguística, é preciso encontrar estratégias de ensino que atendam e acompanhem essas mudanças a fim de conceber novas propostas pedagógicas.

Há muitas pesquisas voltadas para o ensino da Literatura no Ensino Fundamental, algumas direcionadas para práticas inovadoras. Neste sentido, muitos autores oferecem conteúdos para o aprimoramento da prática docente através do lúdico porque elas oferecem novas noções da realidade imaginativa da criança e adolescente como o uso de imagens com as quais se pode estimular a criação literária e o desenvolvimento cognitivo, isto é, uma espécie de resgate das brincadeiras infantis, visto que elas fazem desse público.

Oliveira (2009, p.59) sugere o teatro de sombras como um recurso pedagógico para o ensino infantil, mas que pode ser aplicado com adolescentes. Segundo a autora, estimula-se o ‘Contar de novo’, o que possibilita o desenvolvimento da comunicação e da linguagem corporal. Outra possibilidade seria o trabalho com mímicas ou músicas porque estimulam a comunicação e fogem do ensino tradicional de ensino aprendizagem de apenas transferir conhecimento, desvinculado da construção dos saberes.

Kruger (2014) organizou uma série de atividades do gênero literário no contexto amazônico. A obra colabora com a oferta de material pedagógico desde o modo de organização textual aos contos regionais, oferecendo diferentes gêneros voltados para a leitura e a escrita. O material foi distribuído em escolas da rede pública, mas, devido à ausência de divulgação, tornou-se mais uma obra disponível nas bibliotecas das escolas do Amazonas sem a *práxis* devida. Isso acontece porque há uma parceria entre a Universidade Estadual do Amazonas e a Secretaria de Educação do Amazonas, o que faz com que teses e obras literárias cheguem às escolas, todavia não são explorados por professores e pedagogos.

Cosson (2022) traz o ensino da Literatura e uma sequência de atividades básicas e expandidas. A sequência básica foi desenvolvida para atender as necessidades do Ensino Fundamental a última a ser desenvolvida no Ensino Médio, entretanto, o autor deixa claro que o docente pode adaptá-la conforme sua necessidade. O esquema da primeira propõe quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação; enquanto a segunda, consiste na motivação, introdução, leitura, interpretações contextualizadas (teórica, histórica, estilística,

poética, crítica, presentificadora, temática), interpretação aprofundada, expansão, experiencição. No caso desta dissertação, serão levadas em consideração as atividades voltadas para o Ensino Fundamental em razão de o público ser infanto-juvenil.

3.1 A relação do professor-aluno no contexto de sala de aula

A formação acadêmica do profissional de Língua Portuguesa passa, além da sua, por várias áreas de conhecimento, dentre elas, a valorização do ser humano. Acredita-se na relação professor e aluno como um ato de confiança no processo pedagógico, ou seja, retorna-se para as experiências textuais de ouvir e falar da antiguidade quando os textos eram específicos do campo da oralidade.

A relação professor-aluno é vista com complexidade. O professor estreita o vínculo da relação a partir do instante em que se aproxima do aluno e o resultado dessa relação deve ser delimitada pelo papel de mediador e aluno participante, ambos buscam o aperfeiçoamento de seus conhecimentos de acordo com o desempenho de seus papéis. Dessa interação, surgem duas perspectivas: a psicológica, da qual emergem os sentimentos de acordo com suas crenças e o educacional que sugerem condutas motivacionais como a orientação, o entusiasmo, o estímulo, a confiança dentre outras ações.

Ensinar Língua Portuguesa no contexto atual não é tarefa fácil. Os professores encontram alunos apáticos, preocupados apenas com jogos eletrônicos ou com interações com amigos no modo virtual, salas lotadas com quantitativo de cadeiras além da capacidade e mesmo assim precisam usar de uma metodologia criativa para não perder o controle emocional diante das dificuldades. Esse esforço de tornar as aulas mais atrativas através de uma experiência emotiva quebra o padrão rigoroso da metodologia de ensino tradicional.

A proposta de criação das estratégias de ensino que constam nesta dissertação de mestrado continua evidenciando o texto como elemento principal do ensino da linguagem, mas levando em consideração o fato de que a literatura será explorada constantemente nas séries seguintes e, por conseguinte, os alunos necessitam estar mais preparados para se depararem com linguagens mais elaboradas como os cânones trabalhados do Ensino Médio.

Como em qualquer profissão o respeito pelo outro deve prevalecer para haver diálogo. A escola deve oferecer apoio aos profissionais da educação quando os conflitos ultrapassarem o ambiente escolar e os pais devem participar efetivamente do processo educacional, estando presentes nas reuniões e comparecendo, frequentemente, à escola. São atitudes utópicas diante da realidade, mas que precisam ser incentivadas.

3.2 O ensino da Língua Portuguesa

A linguística contribuiu muito para as mudanças no ensino da Língua Portuguesa. Enquanto os docentes de Língua Portuguesa preocupavam-se em ensinar a língua pautada nas regras da gramática normativa, exaltando a linguagem culta de cânones da literatura brasileira, estudos sobre o ensino da linguagem avançavam partindo do pensamento de que a língua é viva e por isso não se pode prestigiar apenas uma modalidade, visto que cada região tem sua cultura, seus costumes e modo de falar. É preciso reconhecer a existência de “normas linguísticas diferentes”, pois a escola recebe alunos de diferentes classes sociais e se a norma culta for superior as demais, causará nos alunos um sentimento de estranhamento e até de estrangeirismo porque eles circulam por um ambiente em que não é empregada a norma culta no cotidiano (Bagno, 2006, p.18).

O texto, por ser instrumento facilitador principal do componente curricular Língua Portuguesa, torna-se mais prazeroso quando voltado para instigar os sentidos interpretativos provocados pelos textos literários. A leitura no contexto escolar proporciona a aquisição de novos conhecimentos em diferentes disciplinas e quanto mais o aluno se coloca a disposição para aprender mais ele evolui no processo formativo e isso não tem a ver com regras gramaticais, mas com as experiências textuais de leitura, interpretação e troca de conhecimentos adquiridos por meio da ampliação de repertório (Antunes, 2003).

A linguística contribui para mudanças significativas no ensino da Língua Portuguesa e, nos últimos vinte anos, aliou-se à teoria literária tornando o ensino da língua através dos textos literários possível de dinamizar em conjunto. Os caminhos percorridos pela linguagem em situações de concretude linguística de gêneros textuais faz com que o ensino da gramática seja uma alternativa a mais de comunicação. Por outro lado, o peso da tradição quanto à imposição de regras gramaticais do ensino tradicional ainda é forte porque se acredita que o ensino por meio dos gêneros desqualifica o ensino da gramática, porém mesmo não denominando os termos ou expressões, implicitamente a gramática é aprendida.

Geraldi (2011, p.37) enfatiza sobre a necessidade da verificação de aprendizagem da série anterior para se construir um programa de português eficiente. A seleção de tópicos deve levar em consideração as dificuldades do aluno, pois a mudança de série implica na complexidade de informações a serem adquiridas. O ideal, segundo o autor, é a escola oferecer projetos voltados para a leitura para que o aluno tenha cada vez mais contato com a escrita, esta que pode lhe propiciar a necessidade de diferenciação da norma padrão.

As regras gramaticais aplicadas nas escolas têm papel muito além de ensinar o que é

certo ou errado porque têm o intuito de controlar a conduta linguística do indivíduo para que este tenha comportamento e língua de acordo com a exigência da sociedade. Elas buscam mais controlar do que explicar o uso da língua, mas não se pode negar a presença do entendimento de condutas fora da norma padrão, pois, embora fuja daquilo que se entende por norma, está dentro dos padrões exigidos pela Língua Portuguesa, porém a prática da leitura pode direcionar o uso da língua conforme o contexto.

Muitas pesquisas no campo da psicologia do desenvolvimento também contribuíram para o entendimento de novas formas de ensinar e de aprender. O aluno deixou de ser um mero expectador no processo de aprendizagem da língua materna porque compreende o funcionamento dos elementos que regem o seu modo de falar mesmo que se encontre em contexto diferente do seu. A escola vai valorizar e aprimorar o seu conhecimento de mundo de modo a torná-lo peça essencial no processo de ensino para que o mesmo torne-se poliglota da sua própria língua.

Carvalho (2006, p.9) explica que o ensino da Língua Portuguesa precisa acompanhar as mudanças sociais da atualidade. A sociedade do século XXI centraliza-se na indústria do consumismo e busca constantemente a inovação tecnológica como resolução ilusória para os problemas mais simples do dia a dia, com isso o professor deve buscar meios para atender as necessidades desses alunos diante da sua relação com a palavra, a qual está perdendo espaço para ações mediadas pelo movimento. Fornecer atividades voltadas para o envolvimento do aluno com a palavra, como explorá-la no campo da poesia, explorando os sentidos contribuiriam com novas abordagens em sala de aula, contudo não se deve esquecer de que o processo de prática da linguagem deve ser gradativo para se adquirir a competência na fala, na leitura, na escrita e literatura.

3.3 A aprendizagem da leitura e escrita

A leitura faz parte de todas as práticas humanas desde criança, isso significa que essa prática corresponde às interpretações dos inúmeros códigos gráficos. Nesse aspecto, os indivíduos são capazes de interpretar textos em diferentes configurações e formatos, isto é, no ambiente da aprendizagem, os seres humanos utilizam meios para aplicá-los de acordo com cada necessidade interativa (Geraldi, 2011).

É preciso se desvincular do processo de ensino desfragmentado, ou seja, fora do contexto. Para tanto, deve-se primeiramente refletir sobre a prática pedagógica e o modo de assimilação do conteúdo pelos alunos, isto é, colocar-se no lugar do outro, no caso do aluno, e

em seguida traçar um plano de intervenção. Muitas vezes, o docente esquece de que o seu público já é conhecedor do sistema alfabético e sabe decodificar as palavras no texto, entretanto, o docente é responsável pelo ensino além das palavras, o que exige dedicação e estudo para tornar o leitor crítico e participativo.

Os estudos apontam para o aumento de aquisição do livro didático, conforme Kramer (2000):

A contemporaneidade se caracteriza pelo abreviado. Falta de tempo. Falta de tempo ler e de escrever. Falta de contato com textos e contextos que incentivem a leitura como experiência. Nela vivemos o paradoxo: muito se fala sobre leitura, muito se propõe, mas os livros mais vendidos continuam sendo os didáticos. No Brasil, em mais de 90% dos municípios não há livrarias, além de serem muito precárias ou quase inexistentes as bibliotecas (Kramer, 2000, p.20).

O ato de ler deveria estar pautado nas indagações que a sociedade faz e responde por meio da escrita. Ter acesso à leitura significa construir possibilidades de aquisição de novas informações, motivo de “transformações”, no entanto, a escola preocupa-se mais com a decodificação das palavras do que com o exercício da prática leitora pela imaginação, impedindo o aluno de gostar das atividades de prática de ler. Assim a condição pela busca da interpretação dos significados não evolui e se torna o motivo de rejeição da disciplina e conteúdos de linguagem (Foucault, 1994).

Muitas pesquisas no campo da psicologia do desenvolvimento também contribuíram para o entendimento de novas formas de ensinar e de aprender. O aluno deixou de ser um mero expectador no processo de aprendizagem da língua materna porque ele compreende o funcionamento dos elementos que regem o seu modo de falar mesmo que se encontre no contexto diferente do seu. A escola vai valorizar e aprimorar o conhecimento de mundo do aluno de modo a torná-lo peça essencial no processo de ensino para que se torne poliglota da sua própria língua.

A proposta de letramento não cabe nas exigências sociais da atualidade. A escola tem que reformular sua conduta de ensinar a ler e escrever, caso contrário continuará tendo resultados de aprendizagem “mal-sucedidos”. Deve refletir e compreender que o ensino exige novos modos de transformação como o incentivo ao uso das mídias sociais que facilitam a aquisição de conteúdo e oferece elaborações dos próprios significados e ações no sentido de escrever, reescrever sua própria história com aulas mais dinâmicas e eficazes.

Além de criar didáticas mais próximas da realidade dos alunos, a escola não pode esquecer-se de propiciar ambientes adequados para essa prática. Nas séries iniciais, nota-se a presença de ambiente lúdico de incentivo à prática leitora, porém essa prática é deixada de

lado no decorrer do Ensino Fundamental, o que é uma atitude preocupante por não haver acordo de continuidade com os níveis de ensino.

A prática escrita enfrenta problemas parecidos aos refletidos anteriormente sobre leitura que é tratada dissociada da produção escrita. O professor dá o título ou o tema e manda o aluno redigir sem ao menos trabalhar um texto-base para preparação anterior com leitura e interpretação. Na verdade, a escrita do texto deveria ser a finalização das atividades de leitura e essa é uma preocupação desta pesquisa: iniciar uma atividade de leitura culminando um exercício de prática textual diferenciada.

No processo de preparação das atividades desta pesquisa, pensou-se no estímulo comunicativo por meio da leitura de textos literários com a temática amazônica. O objetivo de trazer as histórias contadas pelos avós, pais ou vizinhos também é um modo motivacional, pois conscientiza os pais e responsáveis de que eles também fazem parte da comunidade escolar embora só se reünam, na maioria das vezes, quando desejam receber os resultados bimestrais. A divulgação do projeto de pesquisa convoca alunos e responsáveis para assumir o papel de leitores das novas estratégias que têm a leitura em casa como responsável pelo engajamento da leitura de mundo.

3.4 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o ensino da Literatura

A partir dos anos oitenta, o Brasil passou a se preocupar com a melhoria da prática docente em razão de os alunos apresentarem dificuldade na leitura e na escrita. Isso porque os problemas relacionados à aprendizagem não se apresentam apenas nas séries iniciais, mas também surgem no ambiente acadêmico, visto que os estudantes possuem dificuldade na interpretação de textos e na argumentação textual. O aluno, aos poucos, se tornou o grande protagonista do processo-aprendizagem porque deixou de ser visto como um ser vazio em busca de conhecimento para ser alguém que traz consigo experiências de mundo a serem compartilhadas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi homologada em dezembro de 2017. O Ministério da Educação esteve à frente das consultas à comunidade escolar durante a elaboração do documento, o qual define as aprendizagens essenciais que todo aluno deve desenvolver durante a educação básica, desenvolvido em conformidade com o plano Nacional de Educação (PNE). Ela deve estar pautada nos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação integral do indivíduo para uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Esses Parâmetros Nacionais buscam desenvolver habilidades agrupadas em quatro

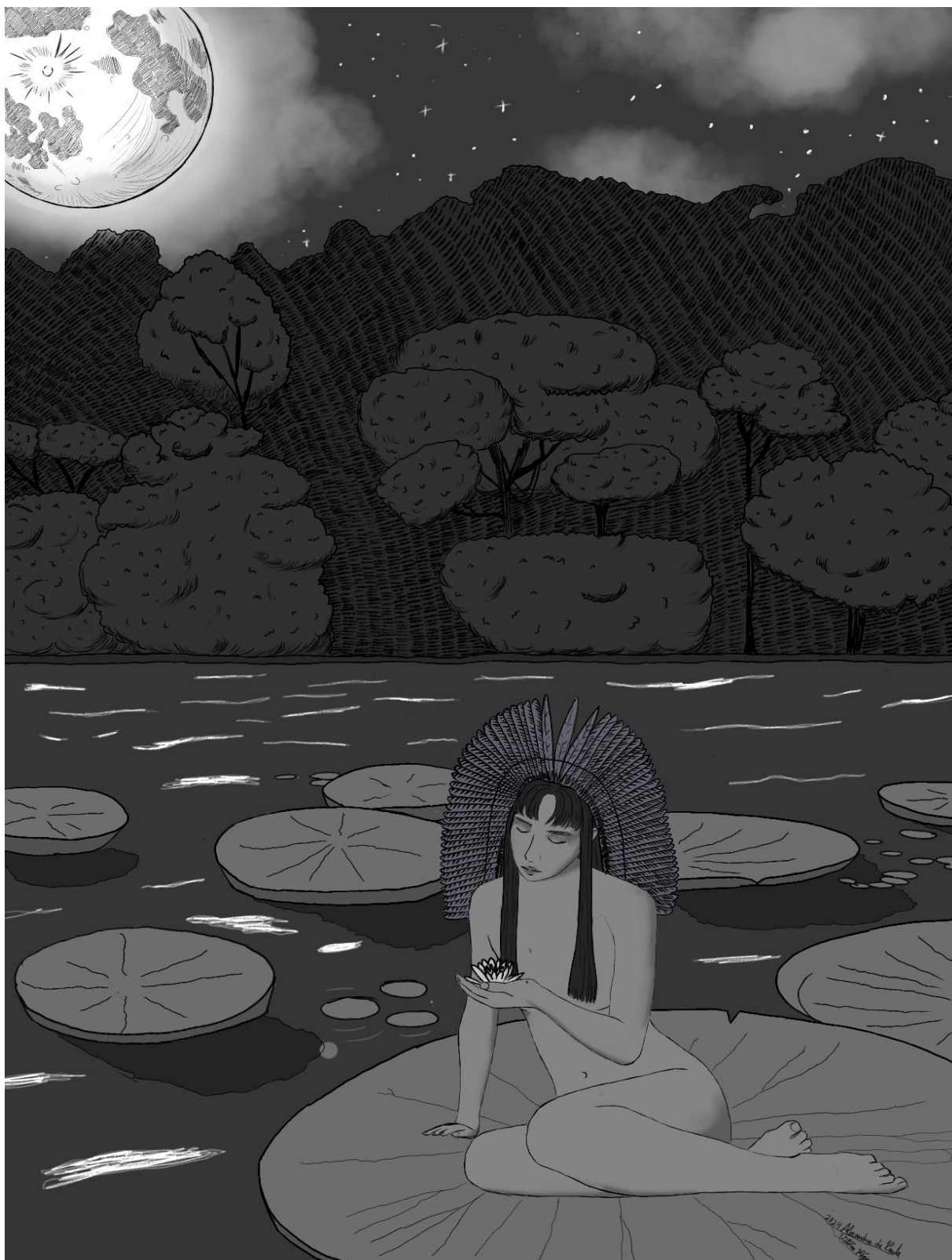
diferentes práticas de linguagem: Leitura, Produção de Textos, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica. A diferença central refere-se à inserção da análise/linguística/semiótica. Especificamente o eixo de análise linguística/semiótica traz a seguinte organização na BNCC que:

Os conhecimentos grafofônicos, ortográficos, lexicais, morfológicos, sintáticos, textuais, discursivos, sociolinguísticos e semióticos que operam nas análises linguísticas e semióticas necessárias à compreensão e à produção de linguagens estarão, concomitantemente, sendo construídos durante o Ensino Fundamental. Assim, as práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos oportunizam situações de reflexão sobre a língua e as linguagens de uma forma geral, em que essas descrições, conceitos e regras operam e nas quais serão concomitantemente construídos: comparação entre definições que permitam observar diferenças de recortes e ênfases na formulação de conceitos e regras; comparação de diferentes formas de dizer “a mesma coisa” e análise dos efeitos de sentido que essas formas podem trazer/ suscitar; exploração dos modos de significar dos diferentes sistemas semióticos etc. (BNCC, 2018, p. 81).

Devido à mudança das orientações contidas na BNCC e reformulação de materiais pedagógicos, o documento está em fase de adaptação nas escolas, entretanto, os conteúdos morfológicos e sintáticos aparecem explicitamente e orientam o docente de que o acréscimo de procedimentos amplia as possibilidades de estudo da linguagem. As contribuições da semiótica, da sociolinguística dão suporte para novos conceitos de regras.

A BNCC estabelece competências para o ensino da Língua Portuguesa no eixo da leitura na qual se encontram as práticas de leitura literária, as quais devem possibilitar o desenvolvimento e a valorização das manifestações artístico-culturais, abrangendo as práticas de leitura, escuta e produção textual e estimulando a participação e o protagonismo dos estudantes. Em meio às dificuldades encontradas para aplicação dessas normas a serem seguidas há o esforço de tornar possível o protagonismo do aluno.

4 O PROJETO DE INTERVENÇÃO



“A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência, ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto leitor e do escritor”

(Rildo Cosson)

4.1 Percurso metodológico da pesquisa

No imaginário dos adolescentes, como já explicado anteriormente, há uma inclinação natural para o alumbamento, o que faz parte da curiosidade destes jovens, por isso, a escolha desse modo de se trabalhar com esses textos da obra de Nathan de Moura, que também, além de escritor, vive na região amazônica, lugar onde nasceu e cresceu ouvindo essas histórias fantásticas, que mais tarde transformou em uma coletânea de histórias.

A recepção dos alunos foi favorável, e seus pais, também envolvidos no processo desta pesquisa, se interessaram de verdade também, porque “houve uma preocupação em envolver os pais no processo como um modo de também trazê-los para a escola, e isso deu muito certo”. Tudo o que envolve as teorias de vertente fantástica foi explicado para os alunos e para seus pais também, para que eles entendessem que as histórias, mitos e lendas que eles gostam de contar e ouvir são estudadas por profissionais de diversas áreas: professores de literatura, antropólogos, historiadores, psicólogos, entre outros.

As obras a serem trabalhadas neste capítulo serão, entre outras: Oliveira (1996): “Leitura prazer: interação participativa com a literatura infantil na escola”; Rojo e Moura (Org) (2012): “Multiletramentos na escola”; Cosson (2022): “Círculos de leitura e letramento literário” e (2022): “Letramento Literário”; Moura (2021): “Lendas e assombrações do Estado do Pará”; Souza e Feba (Orgs.) (2011): “Leitura literária na escola”; Soares (2000): “Letramento Literário”.

Essas obras aqui dispostas serviram para se obter um bom referencial de apoio também para o projeto de pesquisa, que foi executado por meio das rodas de leitura, feitas a partir dos textos de Nathan de Moura (2021) e de acordo com os apontamentos das obras do Professor Rildo Cosson (2022), posto que Cosson relata nas mesmas como se deve proceder de acordo com o passo a passo das apresentações, das sugestões de leitura aos alunos e também como se deve organizar o *layout* dessas rodas de leitura entre outros direcionamentos igualmente importantes. Então, logo após se iniciarem as produções textuais e as gravações das narrativas produzidas pelos alunos, elaborou-se o produto final deste trabalho de pesquisa, que é a compilação das narrativas de toda a turma gravada em um CD, que será disponibilizado para a comunidade escolar e a quem possa se interessar em desenvolver essas atividades.

Os alunos demonstraram um real interesse em produzir seus textos, escrevendo-os com o auxílio da professora-pesquisadora que, sempre que surgia alguma dificuldade, procurava meios para resolvê-las da melhor forma.

O plano de aula do Ensino Fundamental contempla diferentes gêneros textuais, o que é

muito válido para a formação discursiva do aluno. Por outro lado, quando se adentra no universo literário, percebe-se um direcionamento prioritário a fragmentos de textos de diferentes regiões do país, estabelecendo um senso comum. Essa diversificação cultural contribui para o conhecimento do estudante em relação a outras culturas, entretanto, o problema se instaura ao se postergar o seu contexto cultural, geográfico e econômico. Deparamo-nos com a orientação pedagógica da não valorização das obras dos escritores da região, sendo este um pressuposto exemplo de alienação, visto que o texto literário com temas locais e regionais estampam fatores de identidade cultural.

Faz-se interessante pontuar que a biblioteca da Escola Estadual Professor Antenor Sarmiento Pessoa (*locus* dessa pesquisa) possui em seu acervo obras de autores amazônicos disponíveis tanto para a pesquisa de formação do corpo docente quanto para a leitura dos alunos; mas, devido ao espaço limitado da mesma, alunos e professores não visitam com frequência esse ambiente, um fato preocupante porque percebe ser necessário se ter um ambiente apropriado para a promoção da leitura individual ou em grupo de todos os envolvidos no processo escolar e da comunidade de seu entorno também.

Outro ponto interessante de se retomar é o relativo à inserção das culturas estrangeiras no ambiente escolar. Tem-se observado cada vez mais o fenômeno da “assimilação” das culturas de outros países, como por exemplo, os Estados Unidos da América, Japão, Coréia do Sul, China entre outros, que fomentam o silenciamento da cultura local. Isso é bem perceptível entre os adolescentes que, impulsionados pelos filmes e Histórias em Quadrinhos da Marvel e dos *Mangás* e *Animês*, de origem japonesa e coreana, estão deixando de conhecer a literatura do seu local de origem. Essa ocorrência é favorecida, também, pelos próprios professores, pois geralmente não inserem no planejamento de suas aulas a literatura local, tanto na expressão oral quanto na erudita.

O modo de observar o ambiente amazônico como espaço de interação de transmissão de saberes pelo viés da oralidade (herança da cultura ancestral indígena), muitas vezes, é vetado ao jovem em razão do mesmo seduzir-se mais pelas manifestações culturais, sobretudo derivadas de plataformas e mídias sociais eletrônicas advindas de culturas estrangeiras. Pouco se desenvolve a maturidade crítica dos alunos nesse sentido, para que ele possa penetrar no seu meio social, cultural, de crenças e nele se reconhecer e fazer prevalecer a sua cidadania, levando-se em consideração essa sua condição contextual.

A teoria da decolonialidade, muito em pauta neste presente momento considera o caminho para resistir e desconstruir esses padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante todos esses anos a partir de sua colonização, sendo também

uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo. Para se entender o fenômeno da perda identitária, utilizou-se a obra de Gloria Anzaldúa, *The Borderland/La Frontera: The New Mestiza* (2018), que abrange os estudos da literatura norte-americana, culturais, linguísticos. A trajetória de vida da autora remete há tempos, tradições e espaços identitários conflitantes, irreconhecíveis, produzindo fissuras e desconcertos nos discursos essencialistas da identidade humana (Anzaldúa, 2018, p. 16).

O trabalho do professor de Língua Portuguesa envolve não somente a transmissão de conteúdo, mas a análise de como se pode melhorar a prática pedagógica. Com este entendimento, nos engajamos neste projeto de orientar os alunos a entender o porquê de estudar a literatura produzida na Amazônia, ou seja, a importância da valorização das narrativas orais, eruditas ou cultas para preservar a cultura local. O entendimento de que a natureza veio antes do homem e o resultado desse enfrentamento foi a tensão de domínio e de submissão que dá sentido à formação da cultura de mundo do caboclo (Loureiro, 2015, p. 25).

A educação literária, em consonância com a posição aqui erigida, parte do princípio da valorização da cultura local. Esse reconhecimento fortalece a sua preservação. Não que se deva rejeitar o aprendizado de outras culturas, mas, sim, antes de tudo, entender que determinada tradição cultural não é menos importante ou é “errada” em face de outras. A identidade de um povo se fortalece com o seu engajamento cultural.

É possível observar, de modo geral, o sentimento de pertencimento do sujeito amazônico. A demarcação social, cultural e geográfica (pontua-se que este contexto geográfico é de isolamento em relação ao resto do país), de modo planejado ou derivado de autoconservação, ensinou aos povos indígenas contar as suas próprias histórias; aos músicos comporem canções relacionadas ao seu contexto; e aos artistas plásticos retratarem a vida de gente da floresta em diversas molduras, porque é sabido que o sujeito é capaz de se posicionar melhor quando esse posicionamento parte do conhecimento de sua herança cultural de seu local de origem. Essas observações fazem com que se enxergue o espaço em que se está inserido como um espelho a refletir a própria imagem. Sobre a questão identitária, Carvalho (2008) pondera:

A construção identitária passa, então, pelo processo de produção de sentido, de ‘criação imagética’, como construto do imaginário desencadeado pelos simbolismos (imagens) circulantes nas práticas cotidianas que vão compondo o conjunto identitário de determinado grupo humano, moldando seus sujeitos e decidindo pela condução da vida societária, podendo ser nomeada e enunciada, simbolicamente, numa interpretação específica por um determinado sujeito, que enfrenta o desafio de formular, ou expressar uma identidade, podendo ser

o membro do próprio grupo “identificado”, como qualquer outra pessoa que enuncia alguma criação identitária: jornalista, escritor, político, pesquisador, artista, cineasta, fotógrafo, além dos demais agentes que experimentam a aventura de percorrer a trilha da identificação’ (Carvalho, 2008, p. 5).

Branco (2004) destaca que assim como o nativo da Amazônia, o colonizador também foi movido por sua herança identitária, como as lendas, mitos e histórias, a exemplo, a procura pelo *El Dorado*, motivo da vinda do europeu (espanhóis entre outros) no afã de encontrar ouro em uma cidade cercada por um lago que possuía a fonte da juventude, mas essa busca se mostrou um fracasso, pois esse lugar nunca foi encontrado. Após o insucesso da busca por esse reino perdido, o europeu concebeu a crença da fertilidade do solo, o que revelou a existência de outros tesouros como o minério, a madeira, o látex, peixes, especiarias entre outros. Se por um lado havia as crenças pertencentes à cultura indígena local, por outro os saberes europeus forçavam a construção da identidade imagética voltada para o fator econômico e para a dominação.

Figura 1 - Da autora da pesquisa apresentando o projeto desta pesquisa para os alunos do 9º ano da Escola Estadual Professor Antenor Sarmiento Pessoa-loco da pesquisa, no dia 12/06/2023-início do trabalho de pesquisa



Fonte: Própria autora.

4.2 A roda de conversa e a roda de leitura

Como se transmitir o conhecimento sobre a cultura literária e as tematizações de obras de expressão amazônica para alunos do Ensino Fundamental? Esta pergunta foi sendo respondida no decorrer do trabalho executado, com o apoio das leituras teóricas escolhidas para tal (pontuadas acima, no início deste capítulo) e também dos trabalhos que dialogam com esta e que já apresentaram resultados, para que se pudesse ter uma dimensão do que poderia dar certo ou não.

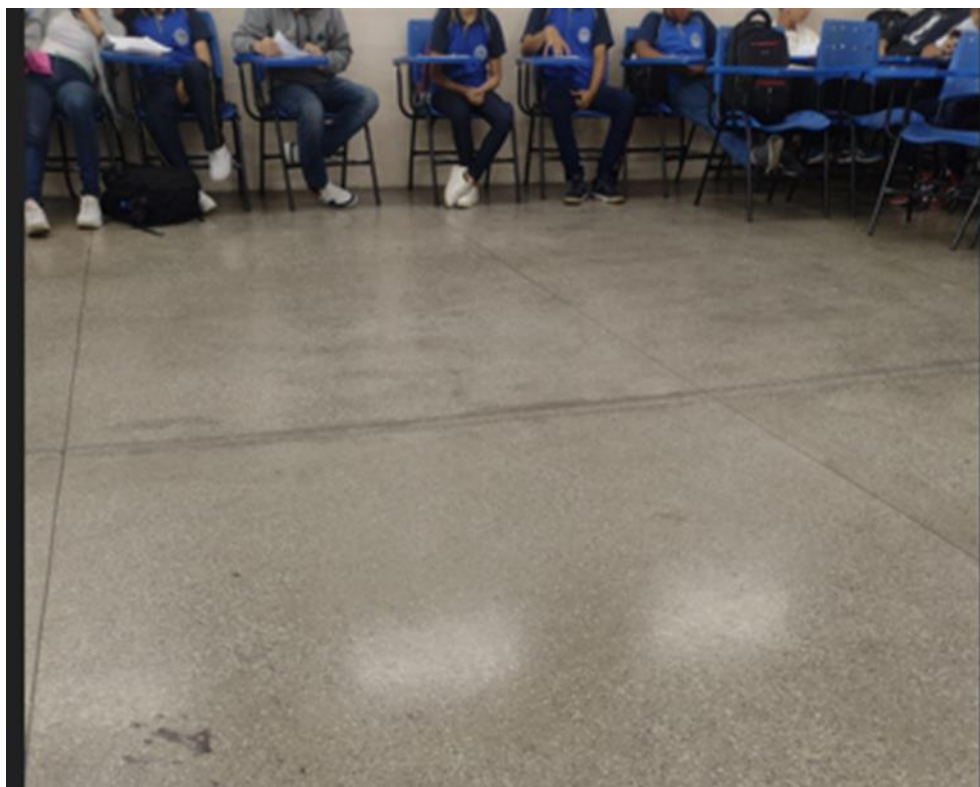
Nesse contexto exposto de se fazer um trabalho com foco no identitário amazônico, defendeu-se o entendimento de que se faz necessário que a cultura dos diferentes povos que habitam essa região, que por ser tão rica em sua cultura e história, faça parte do currículo escolar de todas as escolas dos estados que compõe a região, diante da ciência de que pouco se preserva sobre a cultura local, substituída por tendências fluídas geradas pelas mídias digitais, pela economia de consumo, ou ressignificações divergentes das manifestações consagradas pelo folclore e pelas crenças populares, ou seja, a apropriação da cultura do outro, principalmente a de países da América do Norte, o que acarreta o enfraquecimento e contínuo apagamento da cultura local, como se pode perceber nas capitais dos estados pertencentes à Amazônia Brasileira..

As competências gerais da BNCC para as séries finais do Ensino Fundamental inserem na valorização de diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, além do reconhecimento dos saberes e experiências no intuito de entender as próprias relações de mundo. Neste sentido, o contato com a arte dá suporte para escolhas direcionadas para o seu projeto de vida, com autonomia, consciência crítica e responsabilidade (Brasil, 2018, p. 9).

As manifestações culturais amazônicas perfazem a emergência de uma parte do conjunto da cultura nacional. Deste modo, adentra-se no debate ligado à diversidade dessas culturas. A memória amazônica sofre influência cada vez mais de culturas hegemônicas estrangeiras. Acerca da perda desse legado cultural em detrimento da cultura de outros países - como a americana e a dos países asiáticos, por exemplo - pode ser interessante se fazer uma abordagem por esse viés em sala de aula, com análise e reflexão críticas, mostrando-lhes (aos alunos) exemplos do seu contexto cultural e reforçando que essa identidade não é inferior ou motivo de vergonha. Assim, subentende-se que é dever do professor compreender os processos ideológicos e conjunturais vigentes na sociedade para instruir o aluno a desenvolver o pensamento crítico, relacionados a discursos manipuladores

de ideias, sobretudo àqueles que menosprezam a diversidade social e cultural, base da formação do cidadão.

Figura 2 - Roda de conversa sobre oralidade e histórias sobre o imaginário amazônico, com os alunos do 9º ano da escola.



Fonte: Própria autora.

Oficina 1 (roda de Conversa): a roda de conversa identificará o conhecimento de mundo dos alunos sobre as histórias e “causos” da região amazônica, comparando-as com os contos de tradição popular de outras regiões brasileiras, no intuito de entender o motivo pelo qual as narrativas recebem diferentes interpretações como por exemplo em *A Lenda da Cobra Grande*, que em diferentes regiões do Brasil, recebe diferentes reescrituras e que está contida na obra de Moura (2021).

Oficina 2 (curta-metragem): Exibição de um curta-metragem com temática de terror, de acordo com a faixa-etária dos alunos, cujo título é “Se não”, de autoria de Freitas (2013), produzido no Amazonas, e que conta a história do “Homem do Saco”, figura lendária do imaginário infantil nortista. Abaixo, figuras 3 e 4:

Figura 3 - Alunos assistindo o curta-metragem “Se Não” de Moacyr Freitas (2013).



Fonte: Própria autora.

Figura 4 - Alunos assistindo o curta-metragem “Se Não” de Moacyr Freitas (2013), imagem da tela de projeção do filme.



Fonte: Própria autora.

Oficina 3 (produção de textos): os alunos buscaram histórias contadas no âmbito familiar para escrevê-las, a fim de colocar em prática a criação/recriação de narrativas escritas, de acordo com a imagem abaixo, a roda de conversa e leitura dos textos de Moura (2021):

Figura 5 - Roda de leitura com a explanação da autora desta pesquisa.



Fonte: Própria autora.

Oficina 4 (leitura dramatizada): os textos produzidos pelos alunos foram lidos em forma de dramatização, por conta desse método, foram aplicadas três oficinas para treino e gravação das narrativas em formato de *podcast*, de acordo com a figura 6, abaixo:

Figura 6 - Oficina de leitura dramatizada.



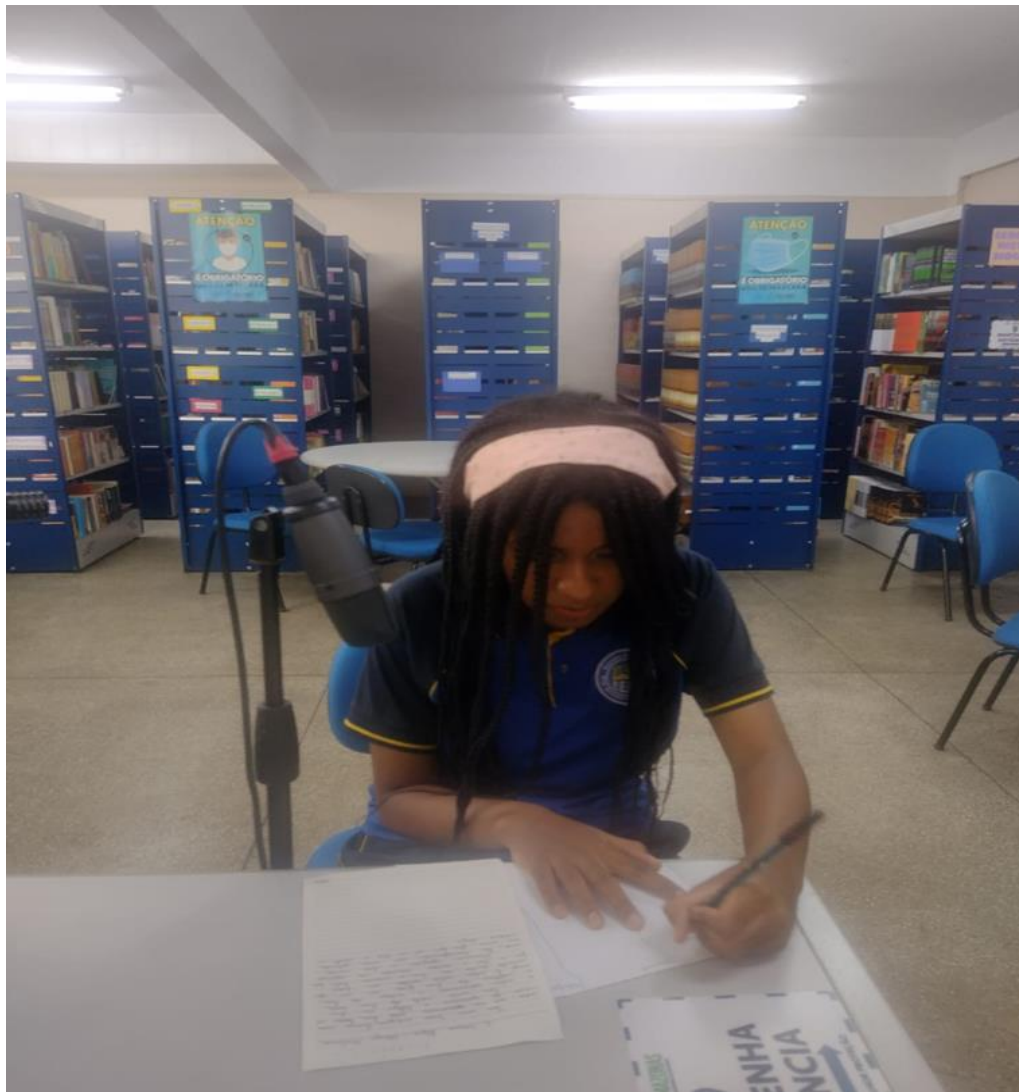
Fonte: Própria autora.

Figura 7 - Os alunos fazendo suas leituras dramatizadas usando os equipamentos de Podcast.



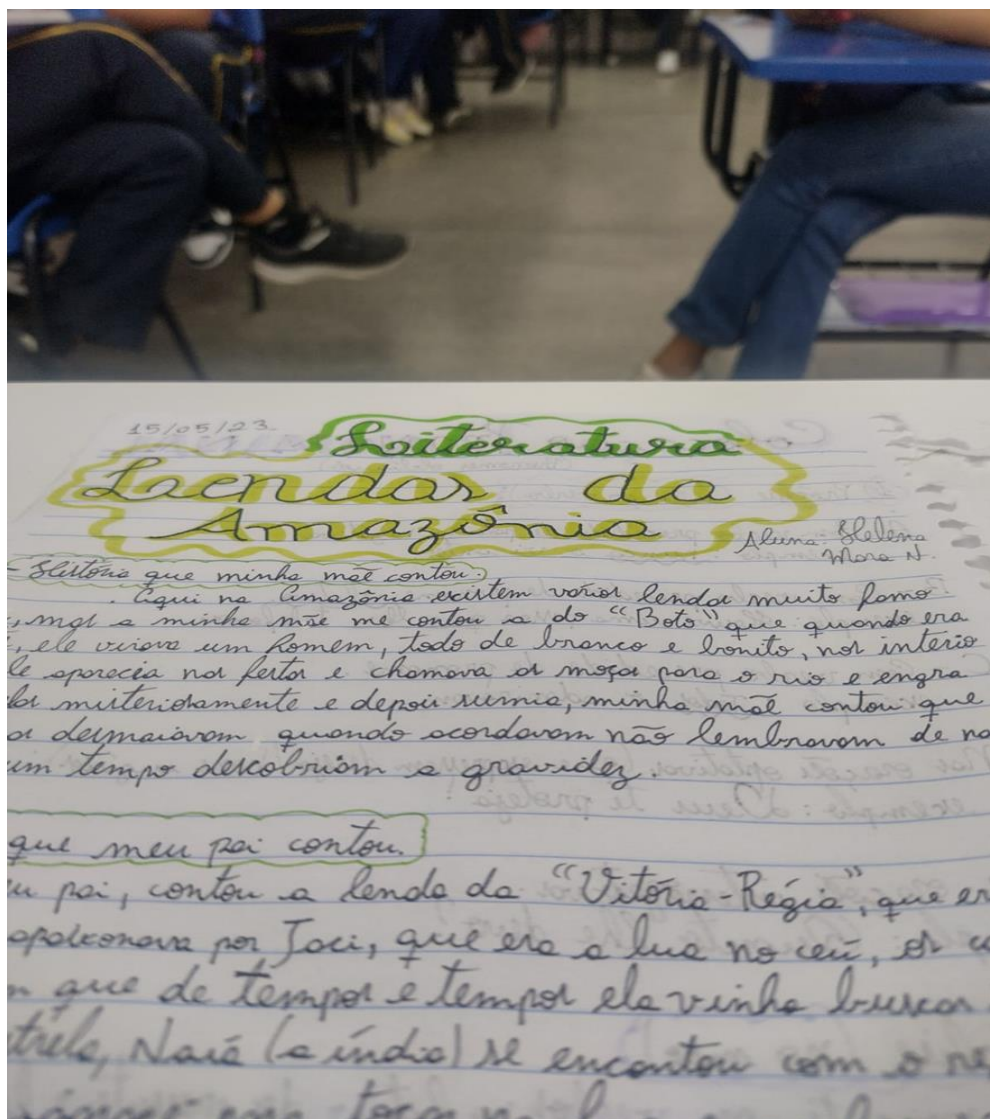
Fonte: Própria autora.

Figura 8 - Os alunos fazendo suas leituras dramatizadas usando os equipamentos de Podcast.



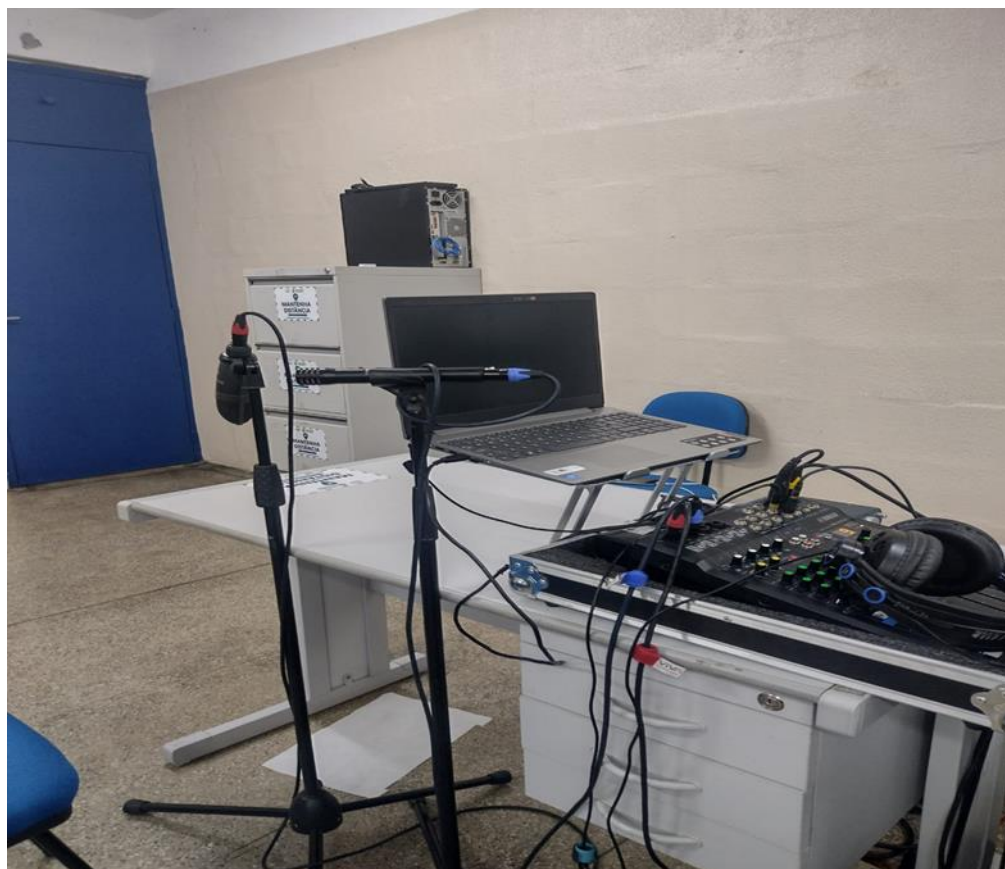
Fonte: Própria autora.

Figura 9 - Os alunos fazendo suas leituras dramatizadas usando os equipamentos de Podcast. Imagem dos escritos produzidos por eles



Fonte: Própria autora.

Figura 10 - Equipamento de som usado para gravação as narrativas



Fonte: Própria autora.

Finalização: a Mostra Literária permitiu que os alunos ouvissem suas histórias e compartilhassem suas experiências de participação na elaboração de um produto pedagógico, de acordo com o passo a passo a seguir.

4.3 Proposta de produção de texto

A condução pedagógica adequada, a partir de estratégias diversas, e a compreensão do conhecimento prévio dos conteúdos constituem desafios para um ensino com perspectiva inovadora e ampla de abordagem crítica, que corroboram com a teoria de Rildo Cosson, que explicita que:

O conhecimento prévio é considerado por vários autores como a estratégia “guarda-chuva”, pois a todo o momento, o leitor ativa conhecimentos que já possui com relação ao que está sendo lido. Assim, antes de ler, as crianças geralmente acionam conhecimentos prévios que podem estar relacionados às ideias do texto. A atividade de acionar essas informações interfere diretamente na compreensão durante a leitura. Passar rapidamente os olhos pela história na pré-leitura, frequentemente, resulta na formulação de hipóteses baseadas no

conhecimento prévio do leitor sobre o assunto tratado na narrativa e a forma como ele é abordado. Tais hipóteses representam o começo da compreensão dos significados do texto e serão confirmadas durante a leitura do livro (Cosson, 2016, p. 104).

Criar memórias literárias no ambiente escolar ainda no Ensino Fundamental é pensar na possibilidade de formação de cidadãos capazes de se lembrar da primeira experiência com a literatura ou o primeiro encontro com um livro literário. São lembranças de tempos inesgotáveis que em algum momento da vida do leitor serão acionadas, mesmo que ocorra em situações aparentemente fora do eixo de tais experiências, o que para Cosson é uma estratégia de conexão, permite ativar um conhecimento prévio, fazendo conexões com aquilo que se está lendo. Assim, relembrar fatos importantes da vida, de outros textos lidos e de situações que ocorrem no mundo, em seu país ou na sua cidade, ajuda a compreender melhor o texto em questão (Cosson, 2016, p. 104).

A motivação para se pesquisar sobre as narrativas amazônicas, mais precisamente com os cinco contos escolhidos, de autoria de Moura (2021), partiu do princípio de que essas histórias emergem da oralidade em suas variadas formas, desde crenças e mitos dos povos originários nacionais a lendas, essas que, certamente, chegaram ao Brasil com a colonização portuguesa. São contos que por sua natureza oral, podem ser investigados sob diferentes vieses, por exemplo, pelo ângulo do folclore, da antropologia e da crítica teórica literária, por exemplo. Neste caso, de acordo com a proposta desta pesquisa, pelo viés do Realismo Maravilhoso, há a formalização teórica que define uma manifestação clara dos valores, das crenças e da ética dos povos latino-americanos, herdeiros de colonização.

4.3.1 O Projeto de Intervenção

O Projeto de Intervenção foi iniciado a partir da autorização do Conselho de Ética da UFOPA (Universidade Federal do Oeste do Pará), também após o termo de aceitação da direção da escola e da autorização dos pais e responsáveis pelos alunos em razão da idade destes, diretamente envolvidos no projeto. A autora deste projeto é docente da referida escola, *loco* da pesquisa, também vale ressaltar que a pesquisa foi monitorada pela professora regente da classe, Profa. Renata Braga, a avaliação acompanhou o andamento do trabalho para evitar o desvio de foco em obediência às propostas pré-estabelecidas. Por isso, a pesquisa passou três momentos, a saber:

Apresentação e motivação: como ponto de partida, apresentamos o projeto de

pesquisa aos pais dos alunos (estes também participantes da comunidade escolar) para que se pudesse ter apoio e aproximação dos responsáveis, uma vez que estes terão que autorizar a participação dos discentes nas atividades propostas.

Início: aplicação de formulário para verificação de conhecimento sobre a prática pedagógica para os professores e formulário de verificação de prática leitora para os alunos.

Perguntas do questionário de sondagem para os professores:

1. Em sua opinião, as leituras de contos da tradição cultural amazônica são importantes no ensino da Língua Portuguesa?
2. Você acredita que rodas de conversa e leitura com recursos como o uso de sonoplastia podem estimular a leitura de contos fantásticos?
3. No seu planejamento estão contemplados dias específicos para a leitura literária com os alunos?
4. No caso de você não fazer uso dos recursos aqui citados, você aceitaria aplicá-los no seu cotidiano de ensino-aprendizagem?
5. Se sua resposta à pergunta 4 for sim, como você descreveria essa experiência:
 - a- Enriquecedora
 - b- De pouca relevância
 - c- Razoavelmente importante

Perguntas do questionário de sondagem para alunos:

1. Você gosta de ler contos fantásticos (tipo contos de terror, contos de fadas, fantasmas, lendas ou mitos)?
2. Quais personagens (Boto, Cobra-Grande, Mapinguari, Mãe D'água entre outros) da região amazônica você conhece?
3. Quais histórias da região amazônica você ouviu de seus pais ou avós?

4.3.2 As oficinas

Oficina 1 (roda de Conversa): a roda de conversa identificou o conhecimento de mundo dos alunos sobre as histórias e “causos” da região amazônica, comparando-as com os contos de tradição popular de outras regiões brasileiras, no intuito de entender o motivo pelo qual as narrativas recebem diferentes interpretações como por exemplo em *A Lenda da*

Cobra Grande, que em diferentes regiões do Brasil, recebe diferentes reescrituras e que está contida na obra de Moura (2021);

Oficina 2 (curta-metragem): Exibição de um curta-metragem com temática de terror, de acordo com a faixa-etária dos alunos, cujo título é “Se não”, de autoria de Freitas (2013), produzido no Amazonas, e que conta a história do “Homem do Saco”, figura lendária do imaginário infantil nortista;

Oficina 3 (roda de leitura): Foram lidos os textos “Mundiado por Curupira”, “A lenda do Tabatajá e as plantas curadas”, “Surra de Matinta”, “A lenda da Cobra Grande” e “A moça que virou estátua”, de Moura (2021);

Oficina 4 (produção de textos): os alunos buscaram histórias contadas no âmbito familiar e escreveram essas histórias, a fim de colocar em prática a criação/recriação de narrativas escritas;

Oficina 5 (leitura dramatizada): os textos produzidos pelos alunos foram lidos em forma de dramatização, por conta desse método, serão aplicadas três oficinas para treino e gravação das narrativas em formato de *podcast*;

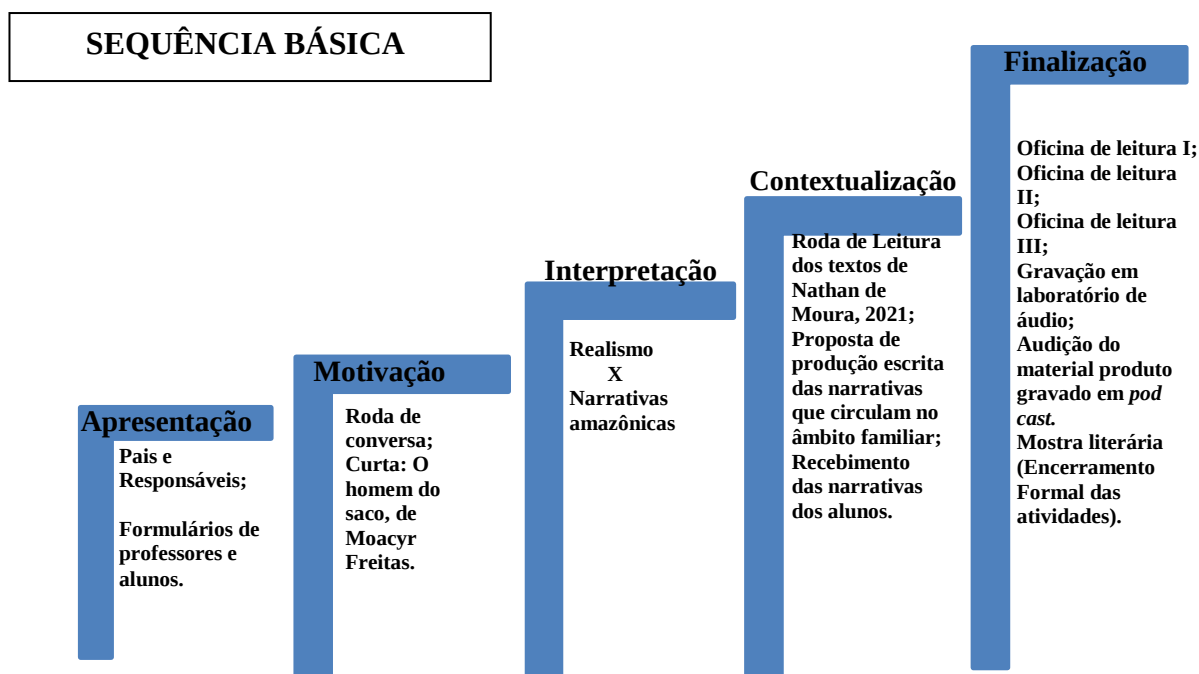
Finalização: foi feita a sugestão de uma Mostra Literária a fim de que os alunos ouvissem suas histórias e compartilhassem suas experiências de participação na elaboração de um produto pedagógico, o *podcast*, já concluído.

4.3.3 Gráficos e análises das oficinas:

O Projeto de Pesquisa “NARRATIVAS AMAZÔNICAS: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DA LITERATURA NO FUNDAMENTAL” foi submetido à Plataforma Brasil em março de 2023, mas, por conta de ajustes de adequação textual, foi aprovado somente no mês de junho, mês em que os trabalhos foram iniciados, no dia 12 de junho de 2023. Nesse mesmo período em que ocorriam negociações entre o sindicato dos trabalhadores em educação e o governo do Amazonas.

O público-alvo foram 30 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, matriculados no 9º ano 1, turno matutino, da Escola Estadual Professor Antenor Sarmiento Pessoa. A pesquisa é de característica participativa porque pertence ao Programa de Mestrado Profissional no qual os participantes e a pesquisadora fazem parte do mesmo ambiente, ou seja, os sujeitos participam das ações e interagem ora como discentes e docente ora como agentes ativos da proposta didática baseada na obra *Letramento Literário*, de Cosson (2022).

Gráfico 1 - Da sequência básica do trabalho desenvolvido pela autora da pesquisa



Fonte: Própria autora.

Quadro 1 - Das atividades desenvolvidas

IDENTIFICAÇÃO DA ETAPA	INÍCIO	TÉRMINO
Apresentação do projeto e assinatura de autorização para pais e responsáveis.	12/06/2023	12/06/2023
Aplicação de Formulário de alunos e professores.	13/06/2023	13/06/2023
Roda de conversa sobre causos e histórias da Amazônia.	14/06/2023	14/06/2023
Exibição do curta-metragem SE NAO, de Moacyr Freitas, 2013.	15/06/2023	15/06/2023
Roda de Conversa e interpretação do filme	16/06/2023	16/06/2023
Roda de leitura dos textos de Nathan de Moura, 2021.	19/06/2023	19/06/2023

Proposta de atividade: Produção de histórias contadas no ambiente familiar	19/06/2023	19/06/2023
Recebimento das histórias trazidas pelos alunos	20/06/2023	20/06/2023
Oficina I: leitura dramatizada	21/06/2023	21/06/2023
Oficina II: leitura dramatizada (treino de leitura)	22/06/2023	22/06/2023
Oficina III: leitura dramatizada (treino de leitura)	22/06/2023	22/06/2023
Gravação de textos em Laboratório de áudio	30/07/2023	30/07/2023
Pausa para edição de áudio	-----	-----
Audição dos textos gravados em Podcast	16/10/2023	18/10/2023
Mostra literária: compartilhamento de experiências sobre o ensino da Língua Portuguesa por meio da temática amazônica.	10/11/2023	10/11/2023

Fonte: Própria autora.

4.3.4 Público-alvo, local de realização das atividades didáticas

A pesquisa foi desenvolvida com 30 alunos de faixa etária entre 14 e 15 anos, matriculados no turno matutino, cursando o 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Professor Antenor Sarmiento Pessoa, em Manaus, capital do Estado do Amazonas.

Critérios de participação: O convite para participação na pesquisa foi direcionado a 30 alunos, matriculados no 9º ano, porém a participação deles estava vinculada à frequência, interesse e autorização dos responsáveis. O objetivo principal do projeto de pesquisa é apresentar estratégias de leitura literária a partir de narrativas amazônicas para o aprimoramento da leitura, escrita e oralidade, por isso era imprescindível a participação do aluno em todas as atividades a serem aplicadas, pois as oficinas foram organizadas propositalmente com início, meio e fim.

Criterios para inclusão: O participante da pesquisa (aluno) deveria ser aluno do 9º ano do Ensino Fundamental da E.E Antenor Sarmiento e apresentar pai, mãe ou responsável legal para autorizar a sua participação. Os maiores de idade (professores) deveriam possuir Licenciatura Plena em Língua Portuguesa com atuação na escola onde ocorreria a pesquisa.

Crítérios para exclusão: Não pertencer ao quadro de discente da escola mencionada anteriormente, alunos infrequentes ou desistentes, não assinar os termos TCLE, TALE ou Autorização de Som e Imagem. Para os maiores de idade (professores), o critério de exclusão seria o não preenchimento da Autorização de Som Imagem, visto que o documento inclui a participação em entrevistas e o não preenchimento do questionário de sondagem para professores também seria considerado critério de exclusão.

4.3.5 Recursos didáticos, espaços pedagógicos

Os recursos didáticos envolveram cópia de textos para uso nas oficinas de leitura, livros da biblioteca da Escola Estadual Professor Antenor Pessoa, quadro-branco, pincéis, computador, microfone, projetor de imagem, caixa de som. Equipamentos utilizados em diferentes espaços, disponibilizados pela gestão escolar como: sala de aula (roda de leitura e escrita); auditório (exibição do curta-metragem); biblioteca, local destinado para gravação de áudio discriminado anteriormente. Assim o ambiente escolar e o horário de aula dos alunos corroboraram com a segurança e integridade dos alunos. Os materiais disponíveis como computador, caixa de som e projetor de imagem foram cedidos pelo gestor para equipar sala de recursos e despertar o interesse pela aplicação de atividades diferenciadas.

No auditório da escola, ocorreu a reunião de pais e responsáveis como o ponto de partida para o início do projeto de pesquisa. Os pais mostraram-se entusiasmados como o fato de serem notificados a respeito das atividades desenvolvidas na escola, fato considerado positivo, tendo em vista que eles fazem parte do processo de ensino e tornou-se um motivo a mais para que se aproximassem mais da escola. Em seguida, a sala de aula tornou-se o espaço para as rodas de conversa e roda de leitura e por último a biblioteca foi o laboratório acústico em razão de ser um espaço ausente de barulho.

4.4 As etapas das produções literárias

A apresentação do projeto de pesquisa para os pais e responsáveis serviu como estratégia motivacional, para o início dos trabalhos. Entende-se que trazendo os pais para o espaço em que se realizariam os trabalhos seria uma forma de aproximá-los do ambiente

escolar dos filhos e o instante oportuno para colher as trinta assinaturas dos termos de consentimento. Isso porque a presença dos pais no contexto escolar estreitam os laços com a escola e demonstra segurança aos discentes que melhoram o comportamento ao sentirem-se valorizados.

A Escola Estadual Professor Antenor Sarmiento possui três professoras de Língua Portuguesa, incluindo a pesquisadora, atuando no Ensino Fundamental II. Um questionário com cinco perguntas de escolhas direcionadas para SIM ou NÃO foi aplicado com duas professoras que indicaram as seguintes respostas:

Figura 11 - Apresentação do projeto de pesquisa em reunião com os pais e responsáveis. (o primeiro passo antes de se iniciar a pesquisa)

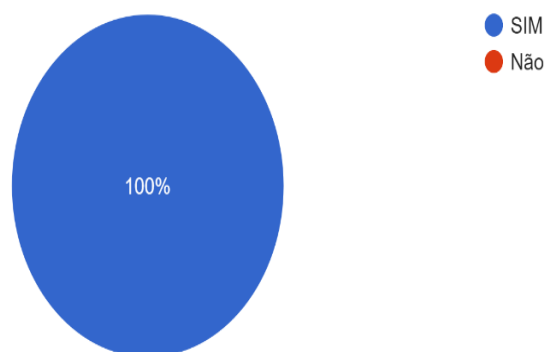


Fonte: Própria autora.

Gráfico 2 - Pesquisa da autora, via Google Forms

1. Em sua opinião, as leitura de contos da tradição cultural amazônica são importantes no ensino da Língua Portuguesa?

2 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

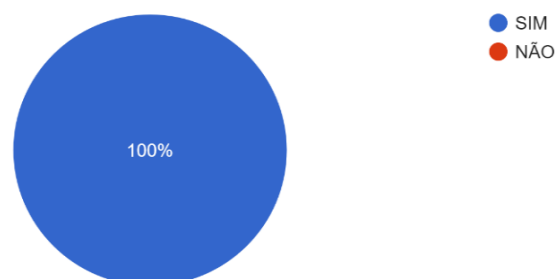
Os questionamentos apontam para a importância da leitura de contos de tradição cultural amazônica em sala de aula. As respostas foram unânimes pelo fato de a leitura fazer parte do cotidiano da prática pedagógica e como a pergunta foi elaborada de forma direta, as respostas direcionam para a afirmação.

A segunda pergunta foi direcionada para uso das tecnologias nas rodas de leitura. As professoras sinalizaram que uso do som na contação de história pode estimular a leitura dos contos fantásticos, levando em consideração que o ato de ler mexe com as emoções do leitor.

Gráfico 3 - Pesquisa da autora, via Google Forms

2. Você acredita que rodas de conversa e leitura com recursos como o uso de sonoplastia podem estimular a leitura de contos fantásticos?

2 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

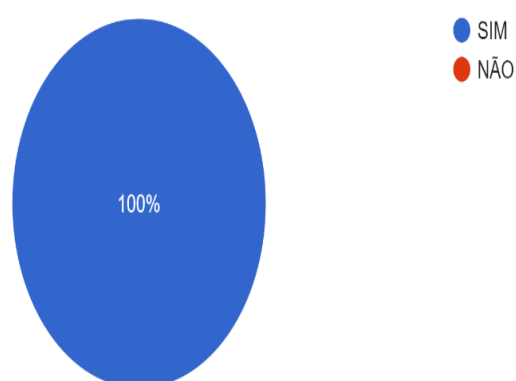
Conforme vimos no primeiro capítulo a exitação é característica dos contos fantásticos. A leitura de textos com apoio de sonoplastia (onomatopeias ou trilhas sonoras) estimula a consciência fonológica do leitor. As demonstrações de práticas usadas no ensino fundamental podem ser alternativas para o aprimoramento da competência leitora no Ensino Médio, quando os alunos se deparam no universo de gêneros como letra de música, poemas e cantigas medievais.

A terceira pergunta reflete sobre a inclusão da leitura literária no planejamento docente. Apesar de a pergunta não detalhar, os dias e horários específicos para a leitura literária indicam tornar um ambiente descontraído, livre de cobranças, mas voltado para atrair os leitores ao mundo da imaginação. Ressalta-se que as perguntas foram modificadas conforme as orientações da banca avaliadora da Plataforma Brasil.

Gráfico 4 - Pesquisa da autora, via Google Forms

3. No seu planejamento estão contemplados dias específicos para a leitura literária com os alunos?

2 respostas



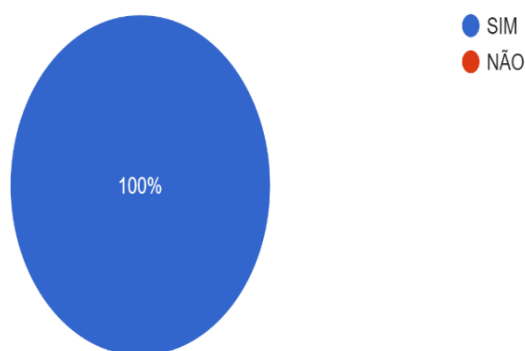
Fonte: Dados da pesquisa.

A quarta pergunta às professoras incluiu à prática docente, pois o uso de recursos tecnológicos corresponde a outras possibilidades do fazer pedagógico. Destaca-se o fato de que as docentes aceitam o desafio, entretanto, na aplicação das atividades nem sempre há disponibilidade de tempo. Entende-se que as mudanças devem acontecer primeiramente na aceitação de transformações interiores e de que se deve estar aberto a mudanças.

Gráfico 5 - Pesquisa da autora, via Google Forms

4. No caso de você não fazer uso dos recursos aqui citados, você aceitaria aplicá-los no seu cotidiano de ensino-aprendizagem?

2 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

A liberação da turma para participar das atividades do projeto de pesquisa exigiu a colaboração dos colegas de profissão principalmente os da disciplina Língua Portuguesa. É preciso entender que as mudanças tecnológicas chegam ao ambiente escolar e exigem mudanças no ensino da norma culta. As regras precisam ser ensinadas de forma mais humanizadas, levando em consideração a individualidade e o tempo de assimilação de conteúdos. A leitura de textos literários no Ensino Fundamental deve estimular os adolescentes a terem boas experiências para se tornarem leitores críticos nas séries seguintes.

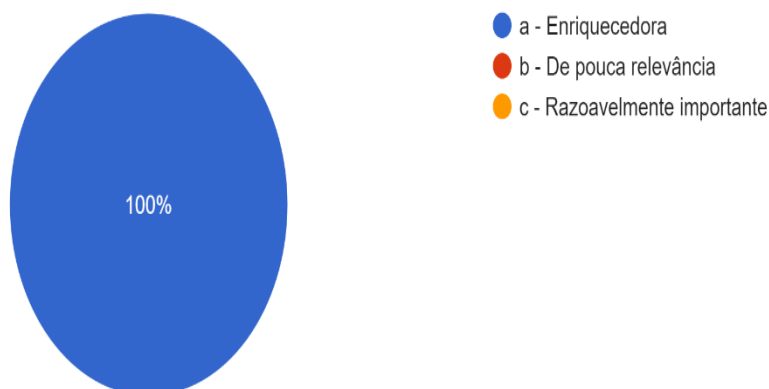
A proposta deste trabalho não está pautada em criar práticas inovadoras de leitura literária, mas de colocar em prática os direcionamentos da Base Nacional Comum Curricular no eixo da leitura que possibilitam a valorização de diferentes manifestações culturais a fim de tornar o aluno efetivamente protagonista do ensino-aprendizagem.

A última pergunta feita às professoras estava vinculada com a questão anterior e voltava-se para atitudes comportamentais dos docentes. De acordo com as professoras questionadas, os usos de recursos tecnológicos no ensino da leitura podem gerar experiências enriquecedoras.

Gráfico 6 - Pesquisa da autora, via Google Forms

5. Se sua resposta à pergunta 4 for sim, como você descreveria essa experiência?

2 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Aproximar o universo acadêmico da sala de aula deveria ser experimentado pelos acadêmicos ainda nos primeiros semestres da Licenciatura em Letras. Nem sempre, nos estágios, há a possibilidade de divulgar os estudos acadêmicos ou colocá-los em prática porque os eventos que ocorrem nas universidades não passam dos seus muros e a escola, principalmente, a pública recebe professores inexperientes ou cansados do fazer pedagógico.

Conforme, o segundo capítulo, as atividades em sala de aula devem levar o aluno a experienciar a leitura literária de modo a oferecer atividades desvinculadas do padrão de rotina de trabalho, ou seja, reconstruir as atividades tornando-as mais criativas no intuito de transformá-las no conjunto de atribuições prazerosas e participativas. É o que Cosson (2022, p.72) propõe nas suas seqüências básicas, elaboradas para atenderem as demandas do ensino literário no Ensino Fundamental, nos Anos Finais.

Os estudantes dominam as ferramentas tecnológicas, porém nem sempre as dominam de forma que os beneficiem nos estudos. O direcionamento de uso das tecnologias pode ser dado pelo professor, por isso a importância de estar atento para as inovações através do oferecimento de cursos de pós-graduação como o PROFLETRAS.

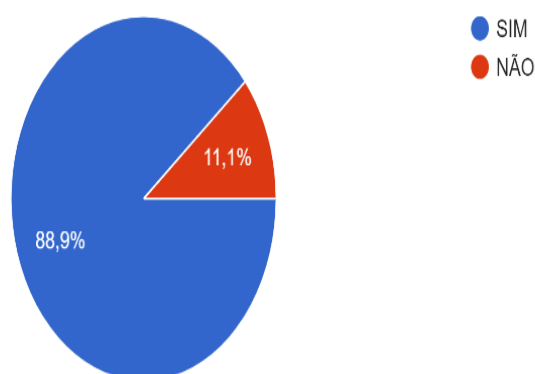
4.4.1 Formulários dos alunos

A segunda fase de aplicação de formulário teve como objetivo conhecer as preferências de leitura dos alunos. O questionário também foi elaborado por meio do Google forms e foi enviada para os 30 alunos do nono a que a pesquisa se dirige, entretanto, 29 responderam às questões enviadas pelo whatsapp.

Gráfico 7 - Pesquisa da autora, via Google Forms

1. Você gosta de ler contos fantásticos (tipo contos de terror, contos de fadas, fantasmas, lendas ou mitos)?

27 respostas

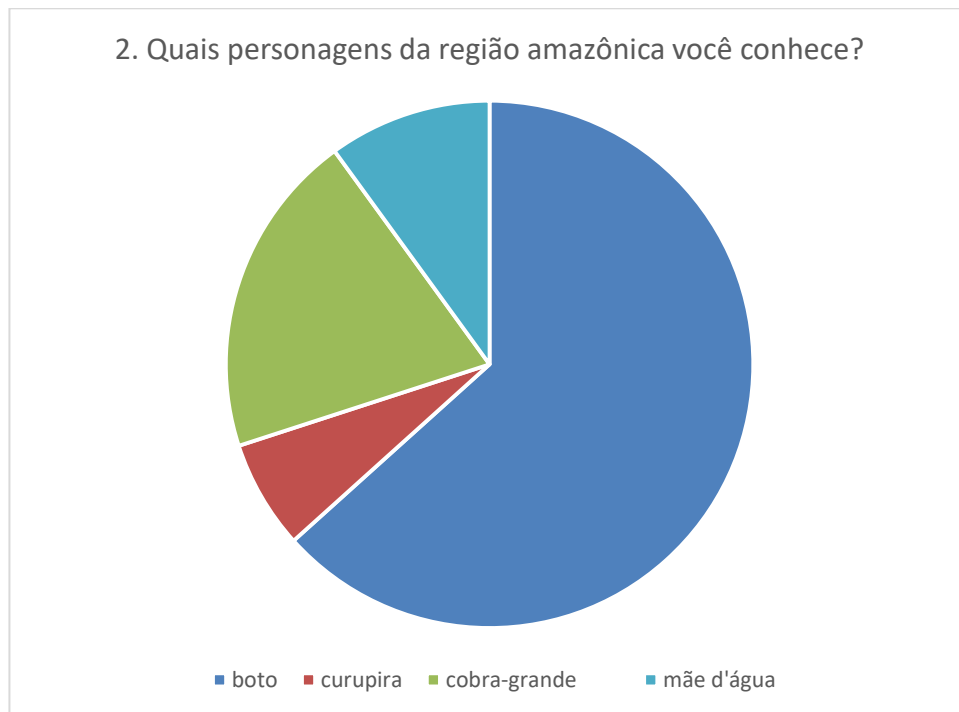


Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos alunos respondeu conhecer narrativas fantásticas, demonstrando o interesse por textos dessa temática. Essas informações foram importantes para traçar o perfil da comunidade leitora e possibilitar retomadas sobre o assunto à medida que a oficinas fossem aplicadas posteriormente.

A segunda pergunta foi discursiva e por isso surgiram vários personagens da Amazônia e de outras regiões como Saci, Yara, por isso optou-se por escolher os quatro primeiros personagens da região norte com o intuito de não perder as informações coletadas.

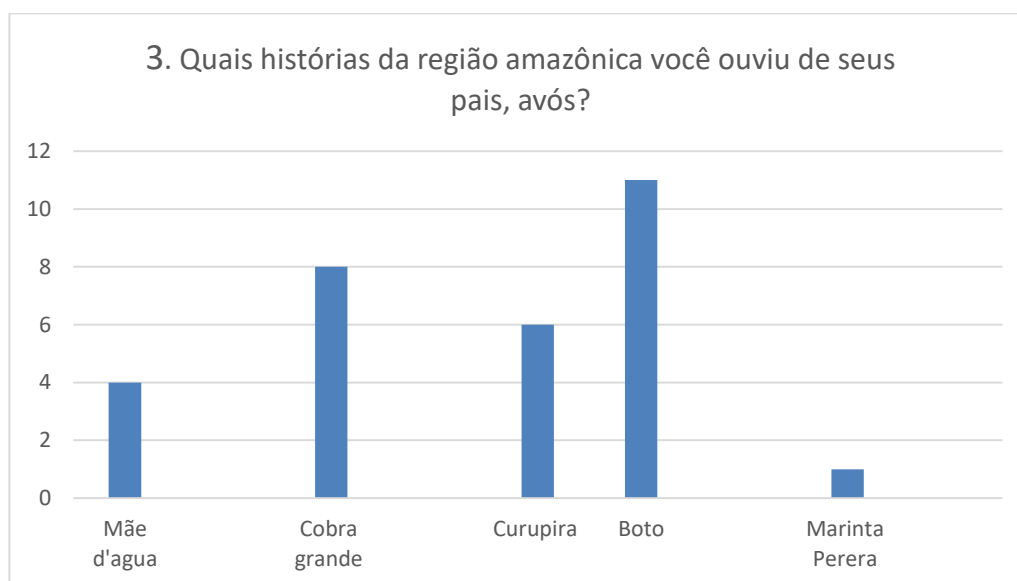
Gráfico 8 - Pesquisa da autora, via Google Forms



Fonte: Dados da pesquisa.

O formulário representa um instrumento de sondagem e levou em consideração o fato de que na roda de leitura o tema seria melhor explanado, identificando as diferenças e semelhanças dos mitos amazônicos e de outras culturas. Um exemplo de prática cultural da Amazônia é a contação de histórias sobre mitos e lendas no ambiente familiar, por isso a terceira pergunta, também discursiva, pretendia verificar se os alunos ouviam essas histórias de seus pais e avós, o que gerou o próximo gráfico.

Gráfico 9 - Pesquisa da autora, via Google Forms



Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando as respostas dos alunos, verificamos como é importante o papel da Literatura nas séries finais do Ensino Fundamental. A literatura está ligada diretamente às experiências da vida, materializando-se não somente nas palavras, mas a tudo que nos remete aos sentidos e por esse motivo merece um lugar de destaque nas escolas, mas, para que isso aconteça, o professor deve promover o letramento literário não desprezando o cânone, já que nele encontram-se as heranças culturais (Cosson, 2022, p.35).

4.4.2 Motivação

É preciso destacar algumas informações relevantes nesta etapa. A sequência básica proposta nesta pesquisa baseia-se na obra de Cosson (2022). No entanto, como o autor mesmo destaca o professor não precisa seguir totalmente as orientações da sequência básica do autor, pois as suas orientações são suscetíveis a mudanças, pois isso os direcionamentos: desta pesquisa iniciam pela apresentação sequenciada pela motivação, introdução, leitura, interpretação e finalização.

Figura 12 - Capa da obra Letramento Literário, de autoria de Rildo Cosson (Utilizada como base para a criação da sequência didática deste trabalho)



Fonte: Cosson (2022)

4.4.3 Roda de conversa

Assim optou-se por iniciar pela introdução que se incluiu a divulgação do projeto para os pais e responsáveis, conforme vimos anteriormente, resultando na configuração do desenho deste produto pedagógico. Em suma, a motivação buscou por meio da roda de conversa informações sobre o conhecimento de mundo dos alunos e entendendo que nem todos tiveram o contato com pais e avós que contavam histórias; logo os personagens que conhecem se limitam aos de grade bilheteria de cinema como personagens do livro *Harry Potter* (2000) e do filme *Uma ponte para Terabítia* (2007).

Figura 13 - A autora da pesquisa em roda de conversa com os alunos



Fonte: Própria autora.

4.4.4 Curta-metragem

A exibição do curta-metragem “O homem do saco” mostrou a participação dos cineastas do Norte em circuitos nacionais de filmes e curtas e que muitos deles têm seus trabalhos premiados em importantes festivais de cinema brasileiros, mas a maioria dos alunos comentou sobre o desconhecimento de artistas amazonenses no trabalho com cinema, TV e artes plásticas.

Figura 14 - Alunos assistindo ao filme “Se não”



Fonte: Própria autora.

A modificação de cadeiras de forma a manter o círculo nas rodas de conversa deixou o ambiente mais descontraído e quis mostrar aos alunos que o espaço escolar pode, sim, ser um lugar agradável, além de ter diferentes configurações. Já na exibição do curta-metragem, fez-se uso da mesma sala de aula, mas de forma que todos pudessem visualizar o filme em destaque e como bons conhecedores da tecnologia, os alunos ajudaram no apoio técnico de ligar/desligar equipamentos.

4.4.5 Interpretação

O processo de interpretação envolve a reflexão da etapa anterior com a intenção de retomar a leitura de mundo dos alunos e o entendimento sobre o curta-metragem. Durante as discussões da interpretação, buscou-se aproximar a Teoria Literária da prática pedagógica, pois as discussões sobre os seres mitológicos da região norte e de conhecimento universal proporcionaram refletir sobre o realismo maravilhoso e interagir com as narrativas de apropriação dos adolescentes até chegar às histórias transmitidas de geração a geração, destacando para o aluno que as narrativas amazônicas carregam a identidade familiar dos habitantes do Norte.

Figura 15 - Capa da Obra “O Realismo Maravilhoso”. A obra foi utilizada para se fazer um diálogo da teoria literária com a prática docente em sala de aula

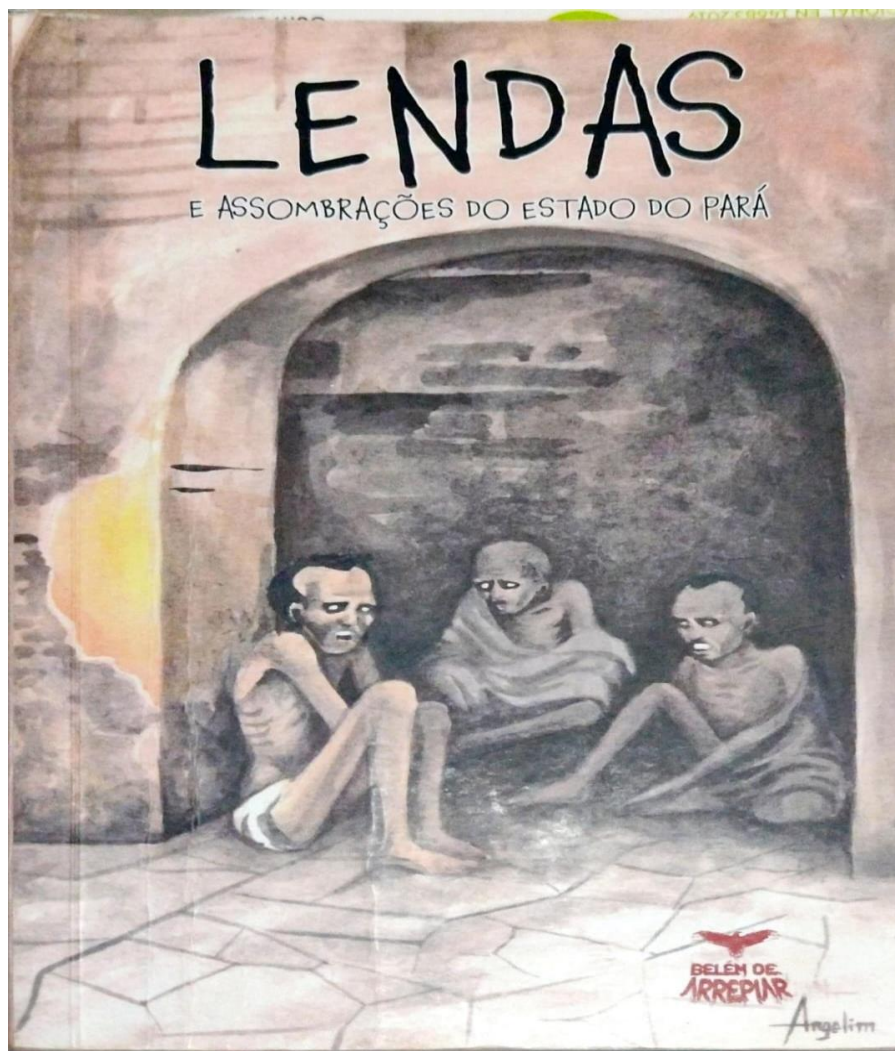


Fonte: Chiami (2012)

4.4.6 Contextualização

A roda de leitura é uma prática pedagógica muito utilizada no Ensino Fundamental. Cadeiras posicionadas em círculo buscavam a confiança no compartilhamento das histórias orais, já que é preciso ter uma certa intimidade com o interlocutor para compartilhar experiências pessoais do âmbito familiar. Os cinco textos de Moura (2021), foram lidos e refletidos, de modo a encontrar semelhanças e distinções com as narrativas do Amazonas. São eles: As narrativas “Mundiado por Curupira”; “A lenda do Tabatajá”; “Surra de Matinta”; “A moça que virou estátua” e “A lenda da Cobra Grande”.

Figura 16 - Capa da obra “Lendas e Assombrações do Estado do Pará”, que serviu de referência para se trabalhar as narrativas amazônicas



Fonte: Moura (2021)

As leituras oportunizaram o retorno de experiências de excitação que as narrativas amazônicas causam nos interlocutores. Em “Mundiado por Curupira” o personagem principal se perde na floresta e entra em estado de transe, não conseguindo se movimentar e os acontecimentos ocorrem lentamente. Os alunos lembravam-se de cenas futurísticas do cinema como X-Man (2000), Matrix (1999).

“A Lenda do Tabatajá” relembrou a diversidade das plantas medicinais encontradas na Amazônia e como possuem poder curativo, fizeram os alunos também se lembrarem das vizinhas benzedeiras. Eram geralmente idosas que faziam parte do círculo de amizade dos pais ou avós, “elas sempre eram procuradas para benzer ou colocar os ossos no lugar”, diziam os alunos.

Na leitura do texto “Surra de Matinta”, os alunos comentaram sobre um personagem

do Estado do Amazonas conhecido como “caboquinho”. Intensificou-se o fato de o lendário personagem adquirir diferentes características em outros lugares, mas a astúcia de bater em quem não acredita na sua existência é a mesma, ressalta-se que a intenção em trabalhar um autor belenense era justamente mostrar as diferentes culturas que circulam na Amazônia.

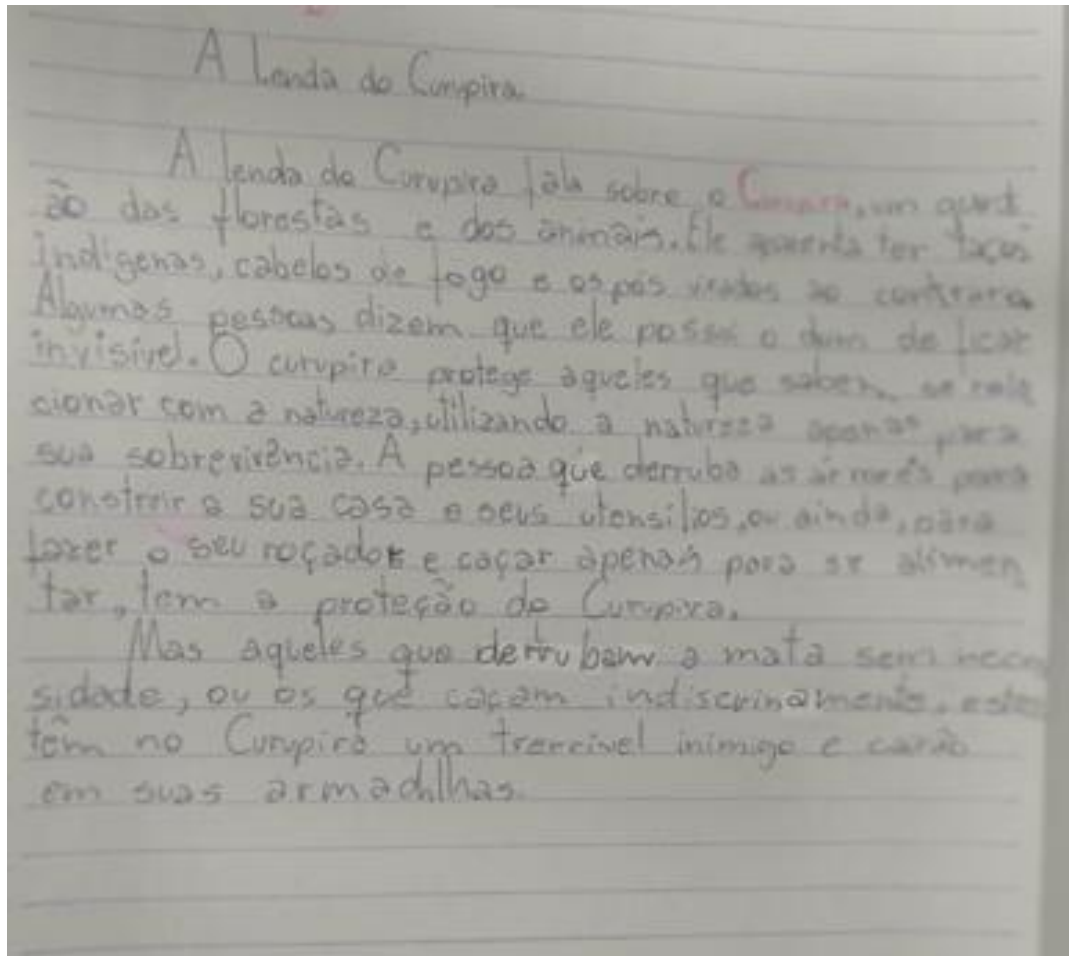
Em “A moça que virou estátua” tem-se uma jovem que não obedece aos pais e por isso é castigada com um flagelo que a deixou permanente imóvel. Esse fato recordou a história do Homem do Saco, pois os pais geralmente dizem “não faça isso se não...”. Alguns alunos afirmaram desconhecer a história, mas chegando em casa, os pais validaram a existência do velho que levava as crianças malcriadas ou que se negavam a fazer o que os pais ordenavam.

E “A lenda da Cobra-Grande” que narra a história da Boiúna escondida embaixo da catedral de Belém fez lembrar as histórias sobre a Igreja dos Remédios, uma das mais antigas igrejas de Manaus, despertando também a curiosidade no fato de que a maioria das igrejas centenárias da capital do Amazonas possuem apenas uma torre. De acordo com os historiadores, as igrejas eram construídas com materiais vindos de Portugal ou da Inglaterra, e sempre se perdia uma peça, que compunha a igreja, no transporte no percurso da Europa para Manaus. Na maioria das vezes, eram as torres que se perdiam pelo caminho.

4.4.7 Proposta de Produção de Texto

As etapas anteriores à produção de texto serviram como preparação para a escrita literária das histórias orais que circulam no ambiente familiar dos alunos. Após a aplicação da roda de leitura, os alunos foram convidados a buscar informações sobre as histórias orais que circulam no âmbito familiar, escrevê-las e levá-las para roda de leitura da fase seguinte e embora se chame proposta de produção textual, tornou-se um desafio, já que um dos alunos não é brasileiro, entretanto, o haitiano escreveu uma narrativa do seu país, pois seria incoerente excluí-lo do processo de aprendizagem. Desde o início da elaboração da proposta didática buscava-se intensificar o contar e recontar as histórias por isso os textos não sofreram o processo de reescrita. A intenção era fazer com que os alunos se ouvissem, usassem dos sons da fala para reproduzir seus textos.

Figura 17 - Texto “A Lenda do Curupira”, produzindo por um dos alunos participantes da pesquisa.

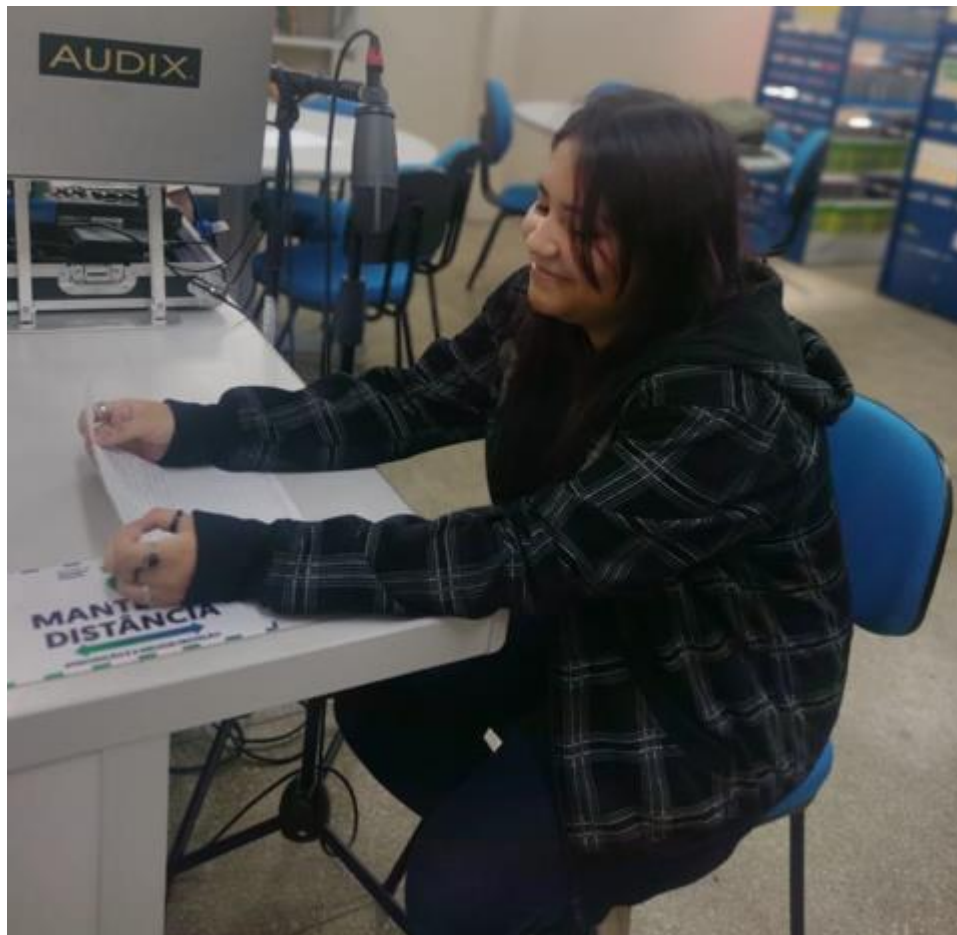


Fonte: Própria autora.

4.4.8 Finalização

Considera-se esta etapa uma das mais difíceis porque os alunos treinaram suas leituras no decorrer de três oficinas, dando ênfase na respiração e na interpretação. Depois disso, montou-se um laboratório de áudio na biblioteca da escola para que os alunos se acostumassem com o som da própria voz e gravassem seus textos. Tendo em vista que desde o início da pesquisa a ideia era criar conteúdo pedagógico em *podcast*, houve uma pausa no andamento das atividades para que as histórias fossem editadas e recebessem uma trilha sonora, o que pode ser verificado no início do processo.

Figura 18 - Aluna treinando a leitura de seu texto no decorrer da oficina de leitura



Fonte: Própria autora.

Assim que os textos ganharam a configuração de estúdio, os equipamentos de *podcast* foram montados na biblioteca e os alunos foram chamados para ouvirem suas histórias e interagirem com a pesquisadora, assim como o gestor da escola. Ele contou que as crianças da sua época não desobedeciam aos pais com medo irem para o Educandário Melo Mato, internato para menores infratores nos anos 80. As mães diziam: não faça isso se não você vai para o Melo Mato. Frase bem parecida com a história do Homem do Saco relatada no documentário assistido pelos alunos. Em relação ao imaginário infantil, povoado de estórias “amedrontadoras” contadas por seus familiares:

A literatura infantil, nesta medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura - a de conhecimento do mundo e do ser (Zilberman; Lajolo, 1985, p.25).

Considerando que o *podcast* vem ganhando espaço em diferentes áreas de

conhecimento e também no armazenamento de histórias orais, este projeto de pesquisa criou um produto educacional para que os alunos tivessem outras possibilidades de leitura, neste caso, o armazenamento das suas histórias, o que chamados de produto educacional.

Figura 19 - Aluno ouvindo a gravação de sua história narrada por ele.



Fonte: Própria autora.

Figura 20 - Gestor da Escola onde se realizou a pesquisa sendo entrevistado pela autora, narrando uma história conhecida por ele, sobre o educandário “Melo Mato”, que ficava localizado na cidade de Manaus, capital do Amazonas



Fonte: Própria autora.

Figura 21 - A autora da pesquisa durante o uso da aparelhagem do Podcast, dialogando com os alunos e mostrando para eles o trabalho final das narrativas dos mesmos



Fonte: Própria autora.

5 O PRODUTO FINAL: O *PODCAST*, O RÁDIO REINVENTADO NA WEB E SUA UTILIZAÇÃO PARA ESTA PESQUISA

“Usar recursos digitais não é garantia de aprendizagem. A tecnologia é mais uma ferramenta, que precisa do talento do professor, interesse do aluno e o acompanhamento da família!”

(Rogério Joaquim)

5.1 Sobre o autor Nathan de Moura e a divulgação da cultura popular paraense através de suas obras

Nathan de Moura é o pseudônimo do pesquisador, digital influencer e escritor José Maria Brito de Moura. Nathan nasceu no dia 1 de janeiro de 1972, no bairro da Pedreira, e cresceu no bairro do Jurunas, em Belém-PA, onde desde criança, desenvolveu interesse pela temática do sobrenatural. Após pesquisar inúmeras histórias do imaginário popular paraense, ele decidiu criar, em 2013, as páginas nas redes sociais *Facebook* e *Instagram* "Belém de Arrepiar", onde publica, diariamente, histórias e relatos que têm como temática, o sobrenatural, o mítico, dentro da cultura indígena, ribeirinha e cabocla, principalmente do Estado do Pará.

Atualmente suas redes sociais possuem cerca de 580 mil seguidores, com milhões de visualizações e milhares de relatos e histórias, narradas por seguidores ou colhidas *In loco* pelo pesquisador em diversas regiões do Estado do Pará. Nathan é autor de cinco livros: "O Livro Assombroso", "Casas Mal Assombradas", "Lendas e Assombrações do Estado do Pará", "Fantasmas de Hospitais de Belém" e "Café com a Matinta", que será lançado em dezembro deste ano de 2024.

Sobre "Belém de Arrepiar" - é uma página de rede social que tem como objetivo divulgar e preservar a antiga tradição de se contar histórias sobre as lendas regionais (como a do "Curupira" ou a da "Matinta Pereira", por exemplo) e sobre fantasmas e assombrações (como a famosa história da "Moça do Táxi"), um costume daqueles tempos antigos em que as pessoas se reuniam em torno de alguém mais velho para ouvir seus relatos de arrepiar. Embora mais rara, essa prática ainda pode ser encontrada, principalmente nos beiradões de rios e nos municípios do estado do Amazonas e do Pará. Nathan acredita que coletando e compartilhando essas histórias, essa importante tradição oral do paraense pode ser preservada e compartilhada com o mundo todo, levando-se em consideração que as postagens feitas nas redes sociais pela página "Belém de Arrepiar", são acessadas atualmente por pessoas de diversos países, o que promove e valoriza a cultura ancestral dos povos da Amazônia e também fortalece a identidade cultural dos mesmos, além de não permitir que caia no esquecimento.

Nathan de Moura, com "Belém de Arrepiar", oferece a oportunidade para que pessoas possam compartilhar suas próprias experiências com o sobrenatural, através de depoimentos escritos ou falados, com uma proposta de ser um espaço confiável para aqueles que desejam contar suas histórias de forma anônima ou não, e também para aqueles que buscam encontrar

outras pessoas que tiveram experiências semelhantes às suas, relatadas nas páginas de “Belém de Arrepiar”.

Sobre essa questão, Zilberman (2003) reafirma que:

A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura – a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antônio Cândido (1972, p. 806), o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor... Integrando-se a esse projeto liberador, a escola rompe suas limitações, inerentes à situação com o qual se compromete em sua gênese. É essa possibilidade de superação de um estreitamento de origem o que a literatura infantil oferta à educação. Aproveitada na sala de aula em sua natureza ficcional, que aponta a um conhecimento bem comportado, ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional (Zimberman, 2003, p. 29).

Com milhares de relatos compartilhados em suas redes sociais, Nathan é um dos principais coletores e divulgadores de histórias sobrenaturais e lendas urbanas do Pará. Seu trabalho é uma fonte de pesquisa interessante para aqueles que buscam explorar sua cultura oral e compartilhar suas histórias de uma forma interessante, como são os textos em formatos midiáticos, esses bem explorados pelos alunos de todas as faixas etárias. Nathan acredita que já tenha postado nas redes sociais, mais de 12 mil histórias, além de imagens e textos, e atualmente suas redes sociais possuem um número bem expressivo de apreciadores de histórias orais, em termos de alcance e visibilidade midiática.

5.2 O Podcast

O motivo da escolha desse recurso tecnológico como ferramenta de produto final deste trabalho de pesquisa foi o entendimento de que os alunos, tanto do Ensino Fundamental II, quanto os do Ensino Médio, já fazem uso desses recursos em seu cotidiano. Quanto ao professor, cabe a ele aproveitar essas ferramentas não só como um recurso para suas aulas, mas também como uma forma de aproximação com seus alunos, dentro desse universo de possibilidades disponíveis.

Mas o que vem a ser o *podcast*?

É um dispositivo criado acidentalmente pelo radialista e jornalista de tecnologia britânico, Ben Hammersley, que consistia em uma amálgama das palavras *iPod* - o dispositivo portátil criado pela *Apple* que permite aos usuários baixarem arquivos de áudio - e *broadcast* - que significa transmitir, em inglês. De acordo com Foschini (2018, p. 12):

é um meio veloz de distribuir sons pela internet, um neologismo que funde duas palavras: iPod, o tocador de arquivos digitais de áudio da Apple, e broadcast, que significa transmissão em inglês. O PodCast tem vários programas, ou episódios, como se fosse um seriado. Os arquivos ficam hospedados em um endereço na internet e, por download, chegam ao computador pessoal ou tocador. Você pode baixar o arquivo no computador, no iPod, no celular ou em um PDA (computador de mão), para ouvir quando quiser. Observa-se que essa nova forma de comunicação está associada a uma mudança de comportamento: ouvir, na hora e lugar mais convenientes, programas obtidos na rede.

Essa tecnologia, ao chegar ao Brasil, teve seu significado original de *podcast* como transmissão via iPod mantido. Embora ninguém mais use o dispositivo da Maçã, o nome se consolidou e é mantido atualmente. O diferencial do formato desse aparelho tecnológico é que o seu usuário pode reproduzir o programa quando quiser, sem depender de uma grade de programação, como na TV e no rádio, além de dispor de várias opções de trilhas sonoras e outros recursos que auxiliam o usuário, de acordo com a necessidade de sua gravação. Ademais, o *download* é automático e centrado em um aplicativo, sem que se precise entrar em *sites* e nem baixar arquivos para o seu *desktop*.

Também diferentemente do rádio, o *podcast*, por conta de seus aparatos tecnológicos e fácil manuseio, possibilita independência e criatividade ao seu usuário e por isso, é uma opção interessante para ser usado no cotidiano do ensino-aprendizagem de disciplinas escolares no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e também nas universidades. Em relação à Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental - Anos Finais, caso desta pesquisa em questão, esse recurso foi utilizado e se mostrou viável porque os alunos demonstraram um real interesse em participar ativamente da pesquisa como colaboradores, narrando seus causos e lendas escritas por eles, de acordo com suas preferências. Esse trabalho está de acordo com a BNCC (2018, p.161), que em sua competência (EF69LP53) orienta “o contar e recontar histórias de tradição oral e destaca a compreensão e interpretação da leitura ou fala fluente, estimulando a gravação de textos literários diversos, inclusive o uso de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais”. Assim:

Podcast foi considerada "a palavra de 2005" pelo dicionário New Oxford American. Nada mal para um neologismo que entrou em cena no ano anterior. Em fevereiro de 2004, a palavra apareceu no jornal inglês The Guardian como um sinônimo para audioblog, ou seja, blogar com áudio em lugar de blogar com textos. No começo de 2006, concorrentes do iPod deram outro significado para o termo podcast: personal on demand broadcast, ou algo como transmissão pessoal sob encomenda. (Foschini; Tadei, 2020, p. 12)

De acordo com a estimativa da *eMarketer*³ é que a “audiência de podcasts chegue a 23,5% da população mundial conectada até este ano de 2024”. Se entende, então, que quase um em cada quatro internautas no mundo logo será ouvinte de *podcast*. Dentre outras informações disponíveis nessa pesquisa, eles explicam que estamos em uma nova era do uso do áudio, em que cada vez mais a população mundial e do Brasil fazem uso desse recurso e que a tendência é que ele cresça mais ainda e que uma das grandes transformações dos últimos tempos foi o crescimento no consumo de *podcasts* e que nesse cenário, o Brasil ocupa uma posição de destaque no uso desse recurso. De acordo com Lima, Campos e Brito (2020, p. 1):

Acredita-se então, que essa ferramenta educativa apresenta desafios tanto para o educando como para o educador, quanto a aproximação da educação com as tecnologias da sociedade. Portanto, é elementar inferir que o seu uso pode contribuir com qualidade do ensino, isto é, se utilizadas através de propostas bem preparadas, como também de acordo com as concepções filosóficas e educacionais. O que pode favorecer a mobilização de uma aprendizagem atrativa e imersiva do aluno, que interage no meio em que vive desenvolvendo sua capacidade de aprender no contexto dos múltiplos recursos da atualidade.

Nos últimos anos, ouvir e criar *podcasts* no Brasil vem crescendo continuamente, isso é perceptível para quem acompanha as redes sociais; são novos “talentos” e famosos que são conhecidos e se tornam famosos por conta do uso do podcast, de acordo com pesquisas do jornal O Globo, o Brasil foi o país que mais produziu podcasts no ano de 2020, chegando a ter um público de 57% da população ouvindo nesse formato de áudio pela primeira vez. O uso do podcast se mostrou eficaz também em propagandas, programas de entrevistas e no Youtube, os usuários gostam de assistir às entrevistas de seus programas favoritos nesse formato. O podcast caiu no gosto do brasileiro e veio para ficar. Se vai se sobrepôr ao rádio ou levá-lo mais rápido à extinção, não podemos prever, mas parece bem possível.

Em relação a esse trabalho, o passo a passo da elaboração e execução do produto final deste trabalho está descrito a partir da página 80 deste.

5.3 O passo a passo de como o *podcast* foi utilizado nesta pesquisa

A professora pesquisadora desenvolveu uma metodologia de estudo e análise dos textos literários, juntamente com seus alunos, e foram escolhidos textos da obra de Nathan de

³ Disponível em: <https://www.negociossc.com.br/blog/consumo-de-podcasts-no-brasil-chega-a-40-dos-internautas/> Acesso em: 22 jan. de 2024.

Moura “*Lendas e assombrações do estado do Pará*” (2021) para servir como base analítica e exemplo para que os discentes, a partir de então, pudessem escrever seus próprios textos baseados no modelo proposto com temática amazônica, mítica e fantástica, dentro da proposta-modelo de produção textual do professor Rildo Cosson, de acordo com o descrito em sua obra “*Letramento literário: teoria e prática*” (2022).

O passo seguinte foi a montagem do estúdio de gravação na biblioteca da escola, com equipamentos profissionais adquiridos pela professora pesquisadora, com o auxílio de seu esposo, que é técnico de som, para que se iniciassem as gravações das narrativas dos alunos, que já tinham criado suas histórias. Todas as etapas foram documentadas com imagens, desde a montagem do equipamento até as narrativas, entrevistas como gestor da escola entre outros procedimentos.

Por fim, as histórias narradas foram armazenadas em mídia e ficarão a disposição da escola para que façam parte de seu portfólio de estudos e pesquisas, levando-se em consideração as Tecnologias da Informação e Comunicação-TIC's, que possibilitarão o desenvolvimento de variadas atividades pedagógicas inovadoras que podem vir a favorecer a obtenção de bons e promissores resultados, assim como também fortalecer o acesso à tecnologia por parte de toda a comunidade acadêmica da escola, permitindo assim, através da comunicação, que todos possam se apropriar e compartilhar saberes e experiências.

6 ENSAIO DE UMA CONCLUSÃO

Desenvolver pesquisa dentro de um contexto de estudos sobre a Amazônia, seu povo, cultura, história, mitos e lendas e levá-los para o ambiente de sala de aula, na relação professor-aluno dos estudos de Língua Portuguesa e Literatura, para um amazônida, é também escrever sobre si mesmo, sobre o nosso lugar no mundo e nosso lugar de fala. Também saber levar essas relações e entrelaçamentos para o entendimento dos alunos requer uma boa metodologia, levando-se em consideração que em se tratando de alunos tanto de escolas públicas quanto de escolas particulares, esses alunos estão sendo de sobremaneira influenciados por um contexto cultural voltado para outras realidades, de outros países, como por exemplo, os países asiáticos, com sua cultura de HQs, mangás, dorama (Japão, China) entre outros, além da própria música que influencia os jovens adolescentes, como o K-Pop, da Coreia, o funk e o rap dos EUA entre outros.

Todas essas influências acima citadas são herança de uma cultura que é trazida pelo manuseio e uso das mídias sociais e das TICs, além de novos recursos que possibilitam que os jovens brasileiros absorvam o que se produz nesses países em detrimento da cultura brasileira, e mais precisamente, no caso dessa pesquisa, da cultura amazônica.

Foi pensando nessas questões e nessa realidade mundial em relação à cultura absorvida pelos jovens que essa pesquisa foi desenhada e tomou forma: a de se trabalhar com alunos do Ensino Fundamental nos Anos Finais aulas de produção de textos voltadas para o contexto amazônico dos contos, causos, mitos e lendas, com o auxílio do roteiro de leituras e suas etapas do livro escrito por Rildo Cosson, além de também se privilegiar a leitura dos escritos da obra de Nathan de Moura, que é um escritor paraense e que conhece intimamente as relações dos povos ribeirinhos e das florestas, que com seus alumbramentos pela noite e pela floresta quase que totalmente inexplorada, deixam sua imaginação fluir e então nascem essas histórias, baseadas nessa relação homem-rio-animais-floresta-seres míticos.

Todas as etapas da pesquisa foram documentadas com anotações e imagens, com os escritos a mão feitos pelos alunos, as entrevistas, rodas de conversa, além das entrevistas com Nathan de Moura e com os professores, gestor da escola e pais dos alunos envolvidos na pesquisa. As entrevistas foram transformadas em dados gráficos e analisadas para que se chegasse a um denominador sobre como despertar nos alunos o interesse real pela cultura amazônica e a resposta veio por meio de se utilizar o que eles já conhecem: uma ferramenta midiática; o podcast, para que eles fossem realmente os verdadeiros autores de todo esse processo que culminou no produto final deste trabalho, que é um compilado reunindo as

histórias escritas e contadas por eles, o que deu muito certo, apesar de não ter tido sem alguns percalços, esses que foram sanados ao longo da pesquisa, que resultou na coletânea de histórias narradas que ficará a disposição da comunidade escolar.

O que se aprendeu foi que apesar de a cultura amazônica ser tão pouco explorada no ambiente escolar e de sala de aula, de não ser devidamente valorizada no cotidiano escolar, ainda se pode reverter essa realidade, não permitindo que ela seja engolida pela cultura do outro. Isso não quer dizer que não possamos aprender e estudar sobre outras culturas, mas que precisamos não deixar que a nossa pereça. Este legado é nosso. Preservar e cuidar para que as histórias orais não caiam no esquecimento.

O que se fez neste trabalho, foi incentivar os alunos do Ensino fundamental Anos Finais a produzirem textos através do método de letramento literário com o suporte teórico de Rildo Cosson (2016) e das narrativas da obra de Nathan de Moura (2021), para que eles, ao reconhecerem o contexto dessas narrativas como pertencentes à sua cultura, se vissem representados dentro de seu contexto histórico-social, levando-se em consideração que mesmo que a Literatura não esteja inserida no currículo escolar do Ensino Fundamental dos Anos Finais, ela pode servir de apoio para que os alunos possam desenvolver a habilidade da leitura e produção textual.

A herança dos povos ribeirinhos, da floresta, dos povos indígenas deve ser motivo de orgulho e inserida de fato no currículo escolar das instituições de Ensino Básico e Superior. A Amazônia é rica em cultura e em biodiversidade e recebeu múltiplas influências ao longo de sua história, antes e depois do Ciclo da Borracha, da vinda dos japoneses, da industrialização, do fim dos ciclos e do início de novos tempos. Mas o que não pode morrer é a cultura, a língua, as histórias que formam esse povo e os torna pluricultural.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parabólica, 2003.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAKTHIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento**. Manaus: Valer, 2007.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. Manaus: Editora Valer, 1999;
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BRANCO, Samuel Murgel. **O desafio amazônico**. São Paulo: Moderna, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CARVALHO, Anna Maria Pessoa (org). **Ensino da Língua Portuguesa**. São Paulo: CENGAGE Learning, 2008.
- CARVALHO, M.A.F. MENDONÇA, R.H. (org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.
- CNF. Carta do Folclore Brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 8., **Anais [...]**, Salvador: CNF, 1995.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: 2022.
- FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Zohar, 2010.
- FOSCHINI, A. C.; TADDEI, R. R. **PodCast**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000097.pdf> Acesso: 21 de jan. 2024.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.
- GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- HARTMANN, Luciana. **Comunidade narrativa de fronteira: a dinâmica da oralidade entre contadores e ouvintes na região pampeana**. 2008. Disponível em: <http://revistas.ufg.br>. Acesso em: 18 jun. 2023.

JECUPÉ, Kaka Werá. **A terra dos mil povos**: história indígena do Brasil contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KRUGER, Marcos Frederico. **Gêneros textuais**: forma e construção. Manaus: Editora Valer, 2014.

LANGDON, Ester Jean. **A fixação da narrativa**: do mito para a poética de literatura oral. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 13-36, dez. 1999. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br> . Acesso em: 06 jun. 2023.

LIMA, Kaliandra Maria da Conceição Freitas Mota; CAMPOS, Cazimiro de Sousa; BRITO, Aline Lucena de. O *podcast* como ferramenta ao ensino: implicações e possibilidades educativas. **Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos**. 15, 16, 17 de outubro de 2020. Centro Cultural de exposição Ruth Cardoso-Maceió-AL. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD4_SA19_ID5360_26092020221728.pdf. Acesso em: 22 jan. de 2024.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras, 2015.

MATRIX. Direção: Lana Wachowski, Lilly Wachowski. Produção: Village Pictures, Silver Picture, Warner Bros. Entertainment, Wagner Bros. Pictures. Estados Unidos, 1999. 1 DVD (136 min.).

MEGGERS, B.J. O paraíso ilusório revisitado. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n.8, p. 33-55, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/download/109520/107998/0> . Acesso em: 10 jun. 2023.

MOURA, Nathan. **Lendas e assombrações do estado do Pará**. Belém Folheando, 2021.

NUNES, Benedito. **O tempo da narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura prazer**: interação participativa com a literatura infantil na escola. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

PONTE PARA TERABITÁ. Direção: Gábor Csupó. Produção: Walden Media, Hal Lieberman Company, Lauren Levine Productions Inc. Estados Unidos, 2007. 1 DVD (96 min.).

RANGEL, Alberto. **Inferno verde**. Organização: Tenório Telles 6. ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando,

2017.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

SE **NÃO**. Direção: Moacyr Freitas, 2013, vídeo (15:28). Disponível em: <https://www.cineset.com.br> Acesso em: 15 ago. 2022.

SOUZA, Marcio. **A história da Amazônia**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia: natureza, homem e tempo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Perspectiva, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

X-MEN. Direção: James Mangold, Matthew Vaughn, Gavin Hood, Brett Ratner, Simon Kinberg, Josh Boone, Bryan Singer. Produção: 20 th Century Studios, DC Entertainment, The Donner's Company. Estados Unidos, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed., São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1985.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; KANPP, Cristina Loff (orgs.). **O insólito na literatura**: perspectivas da narrativa fantástica. Caxias do Sul, RS: Educs, 2020.